Feira mostra Artesanato

Para quem gosta de quadros, esculturas ou outro tipo de obra de arte, a Feira de Artesanato, no sopé do Museu da Escravatura, é paragem obrigatória.



Clube Vila Clotilde aposta na formação

O FC Vila Clotilde é um dos mais belos exemplos de resistência ao tempo e às dificuldades. Fundada a 25 de Março de 1953, a agremiação pode orgulharse de ser um dos esteios na formação de basquetebol no país.





TI DE NOVEMBRO
DA DA ROSPISCIÓN ANCOCIAL
TOTA - 2017)
UNIDOS POR UMA

UNIDOS POR UMA ANGOLA DEMOCRÁTICA UNA E INDIVISÍVEL

Publicação quinzenal, à segunda-feira

13 de Novembro de 2017 • Ano 0 • Número 11 •



HOMENAGEM Cemitérios no centro da acção no dia 2 de Novembro

FINADOS

SAUDADES DE QUEM NOS "DEIXOU"

Os cemitérios registaram, a 2 de Novembro, um aglomerado pouco visto comummente. Eram pessoas de todas as camadas, inclusive crianças, que acompanhavam os pais para a singela homenagem a um ente-querido. p.8-9

CORTES

BARBEARIAS: À ESCOVINHA, GALO E OUTROS

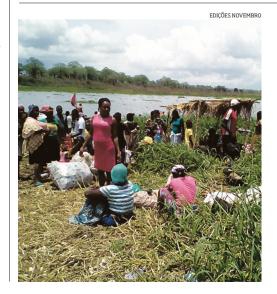
As barbearias resistem ao tempo, se calhar devido à modernização do mercado ligado à beleza masculina. Os homens andam cada vez mais vaidosos e preocupados com a aparência

FORMAÇÃO

INSTITUTO DE ARTES VIVE DE SONHOS

No Instituto Superior de Artes, na centralidade do Kilamba, jovens correm atrás da realização, na dança, no teatro, na música, pintura, etc. São 395 estudantes, sob a orientação de 28 professores especializados. As dificuldades estão presentes, mas aos alunos sobra vontade.





ICOLO E BENGO

Tragédias anunciadas no Zenza do Golungo

Cinco pessoas morreram, em Zenza do Golungo, no município de Icolo e Bengo, em Luanda. A embarcação onde seguiam virou, depois de uma tempestade. Não foi o primeiro incidente do tipo, na região. É comum as populações locais fazerem a travessia da lagoa em toscas canoas.

2.16-17

FISCALIZAÇÃO OFICINAS AO AR LIVRE E "SEM TRAVÃO"

Em Luanda, abundam casas de reparação ou manutenção de viaturas que funcionam a céu aberto. Em muitos casos, o proprietário sequer paga os impostos e nem por isso sente o incómodo que são as visitas da fiscalização. Apesar de instaladas em espaços abertos e desrespeitarem normas de segurança, as oficinas estão ai, em pleno labor.

NOTA DO DIA



CAETANO IÚNIOR Director Executivo

O LABORIOSO EXERCÍCIO DO ATLÂNTICO

uandenses tiveram oportunidade para apresentar a quem os governa algumas das suas principais afliçõs. Num encontro no cine Atlântico, pelas mãos do Ministério do Interior e do Governo da Província, moradores dos diferentes bairros queixaram-se, directa e frontalmente, a Ângelo Tavares e a Adriano de Carvalho, mais altos responsáveis das instituições. Fizeramlhes chegar a dura realidade de áreas da capital, onde o tráfico de drogas, os assaltos a residências e a cidadãos, crimes não poucas vezes encorajados pela inacção da Polícia, de acordo com as denúncias, são frequentes e indesmentíveis.

A quem testemunhou esta tertúlia não terá passado despercebida a angústia no semblante do cidadão, cujo quotidiano tem sido marcado por uma realidade violenta, que o afecta directamente. Se calhar em desespero, cansados de tanto aguardar pelos momentos de segurança e tranquilidade, que, entretanto, demoram a chegar, cidadãos não se coibiram de ir fundo nas denúncias, colocando-se, inclusive, à disposição das autoridades, para mostrar cenários onde se desenvolvem crimes.

Por um lado, merece vênia a atitude do Ministério do Interior e do Governo de Luanda, ao se colocarem à disposição dos governados, para ouvir-lhes as preocupações. Por outro, pede-se, às duas instituições, celeridade nas acções a empreender, em resposta às denúncias. De contrário, o laborioso exercíco do cine Atlântico terá sido, apenas, para ... angolano ver.

Cidadãos não se coibiram de ir fundo nas denúncias, apontado casos de tráfico ...

Luandando

ROSALINA MATETA Sub-Editora



MORTES ANUNCIADAS NA LAGOA DO ZENZA

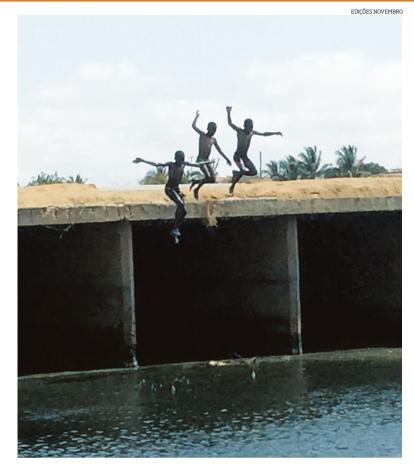
Cinco mortos, famílias enlutadas e muitos outros danos colaterais são o resultado do naufrágio de duas barcaças, na lagoa do Zenza, Municipio do Icolo e Bengo, no dia 3 de Novembro. Factores naturais originaram o acidente. Um mau tempo que as humildes vítimas não puderam prever. Tampouco impedir o desastre que lhes roubou as vidas. Embora, pelas informações que o Luanda, Jornal Metropolitano, colheu, a tragédia há muito tempo era anunciada. As palavras do coordenador do Zenza do Golungo são bastante elucidativas: "são pequenas canoas de fabrico artesanal, proibidas à navegação. Mas, por teimosia, as pessoas insistem em usá-las ...". Se não houvesse dor e luto, esta afirmação podia merecer uma estridente gargalhada, pois seria entendida como uma piada. Mas brincadeira tem hora e não é esta. O momento é, com certeza, para pedir contas. Como é que canoas proibidas à navegação continuavam a ser usadas pela população para a travessia? Estas pessoas teimosa em que águas territoriais navegavam? A insistência que é atribuída às pessoas supera o poder da administração local e até a legitimidade de coação que a Polícia tem? Bem analisadas as circunstâncias, a denominada "teimosia" deve ser interpretada como luta pela sobrevivência. É obvio que a necessidade obrigou os sinistrados a arriscarem a vida, porquanto pretendiam satisfazer necessidades básicas: alimentação, saúde, vestuário e pouco mais.

Os sobreviventes e os outros membros da comunidade a que pertenciam os finados continuarão a ter as mesmas carências e igual "apetência" pelo risco. Não terão escolha: ou atravessam a lagoa de canoa, para procurar víveres, ou morrem de fome, tédio e doenças. Será tão fatal como isto mesmo. Pois é de conhecimento geral que existem muitas comunidades nos arredores de Luanda, mesmo em zonas de fácil acesso, que diariamente passam por necessidades inimagináveis. Assim, o que restará àquela população?

Hoje mesmo, se nos deslocarmos ao Zenza do Golungo, local do naufrágio, vamos testemunhar, com certeza, o "vai e vem" de canoas artesanais na travessia da lagoa. Tudo porque quem devia não colocou meios de transporte dignos deste nome à disposição da população que vive nas zonas ribeirinhas. Isto a 85 quilómetros da Vila de Catete. Claro está que a inacção e negligência das autoridades obrigam a que, diariamente, muita gente arrisque a vida na procura de algo que acalente um desejo ou colmate uma carência. A população faz a sua parte. A esta um louvor. Paz às alma dos que partiram.

Postal da Cidade

Escreva-nos por e-mail para: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao



PERIGO EM GRANDE ESTILO

O mundo das criancas e até de adolescentes é mesmo uma maravilha. Pelo menos para eles próprios. Despreocupados com a seriedade a que a vida muitas vezes obriga e deixando que esta os leve, lá estão os mais novos a abrir as portas ao livre arbítrio. Nas horas de ócio, que não são poucas, a diversão não tem limites e os perigos passam, com frequência, despercebidos.

A imagem que dá suporte a esta nota é um exemplo que comprova a leveza com que crianças e adolescentes se entregam à vida. O postal é, de facto, deslumbrante e até podia, se sustentasse um contexto de normalidade, ser espalhado pelo mundo, para ajudar a vender a "Luanda Turística", que se abre, de par em par, aos visitantes. Mas não é assim. Os meninos da foto brincam sobre uma ponte que sustenta um canal de águas pútridas. É no Benfica, nas imediações do campo de golfe. Portanto, o perigo que estas crian-

ças correm não advém,apenas, da possibilidade de se lesionarem ou de lhes acontecer algo mais grave, na "aterragem". Há também o risco de contraírem doenças, ao tomarem contacto com águas contaminadas com elementos nocivos à saúde humana.

Embora possa não servir para muito, aqui fica o alerta para o perigo que são algumas brincadeiras.

A palavra ao leitor



Segurança pública

Estive presente no encontro de auscultação sobre segurança pública e notei que as autoridades ficam sempre nas promessas: "vamos fazer, vamos mudar; daqui em diante, passaremos a trabalhar assim", etc. Nunca saem da promessa. Por isso, a segurança pública vai sempre apresentar défice. Por favor, que saiam do verbo futuro e sejam do verbo presente.

Cláudio Pedro

Vila Alice

Taxistas aproveitadores Com estas chuvas que caem sobre a cidade de Luanda, os nossos que-

ridos taxistas já começaram a fazer das suas: encurtar as rotas e aumentar o preço do táxi. E quem sofre é a população, que tem um salário baixo, que todos os dias tem de fazer contas para sobreviver. Pedimos às autoridades de Luanda que accionem os agentes da polícia económica para que tomem medidas.

Manuel da Silva

Benfica

Comissão de moradores

No bairro onde vivo, existe muita anarquia e de vária ordem. Realizámos uma reunião, recentemente, tendo-se decidido que, doravante, os moradores junto da Comissão de Moradores passarão a ter a obrigação de reportar a situação do bairro. Esta medida visa melhorar a segurança e manter a tranquilidade. Vamos colaborar com as autoridades policiais, fazendo a denúncias de todas as irregularidades.

João Manuel

Casseguel Terra Vermelha

Directores Executivos: Caetano Júnior e Cristina da Silva Director de Arte:

Sub-Editora: Rosalina Mateta

Jornalistas: Arcângela Rodrigues, Domiana N'Jila, Fula Martins, Helma Reis, João Pedro, Mazarino da Cunha, Manuela Mateus, Nilsa Massango, Neusa de Menezes e Solange da Silva

Fotógrafos: Francisco Bernardo, Rogério Tuti, Contreiras Pipa, Domingos Cadência, João Gomes, M. Machangongo e Kindala Manuel

Designer: Irineu Caldeira & Adilson Félix

Morada: Rua Rainha Jinga 12/26. Caixa Postal: 1312

Telefone: 222 02 01 74/222 33 33 44 Fax: 222 33 60 73

Mail: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao **Publicidade:** (+244) 926 40 69 29/923 40 27 00 **MAIL:** antonio.goncalves@edicoesnovembro.co.ao



EDIÇÕES NOVEMBRO E.P. Presidente do Conselho de Administração: António José Ribeiro

Administradores Executivos: Victor Manuel Branco Silva Carvalho, Eduardo João Francisco Minvu, Mateus Francisco dos Santos Júnior, Catarina Vieira Dias da Cunha, António Ferreira Gonçalves, Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril

Administradores não Executivos: Olímpio de Sousa e Silva, Engrácia Manuela Francisco Bernardo

LUANDA

ANAMARGARIDA **BANDIDOS DO RANGEL** TĒM O AMPARO DAS MĀES

"O Rangel só tem bandidos, porque muitas mães permitem. Ninguém gosta de me ouvir a falar. Mas falo na mesma. Eu sou Ana Margarida e o meu terminal telefónico é ...". denunciou uma senhora, com frontalidade.

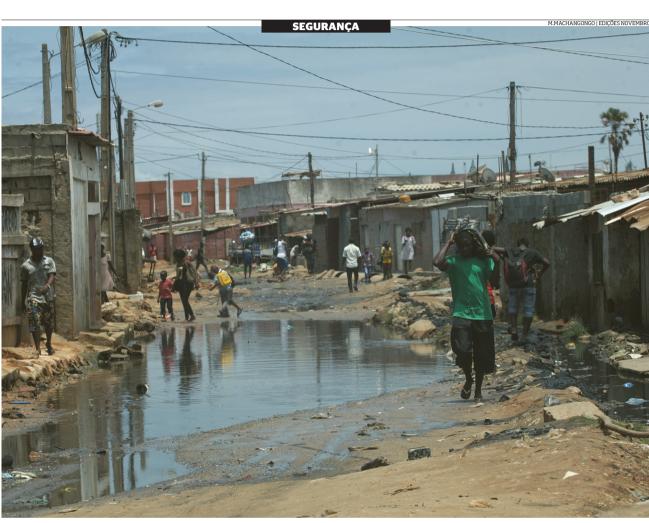


MUNICÍPIOS

QUEIXAS DESTAPARAM DIVERSOS PROBLEMAS

O Governo Provincial e o Ministério do Interior juntaram os municipes, num evento que serviu para que estes fizessem a denúncia de crimes. E são muitos os problemas, causados pela falta de segurança, iluminação pública e outros.





INTRANQUILIDADE Da rua da Vaidade, no distrito do Rangel, município de Luanda, também chegam queixas de violência

Bairros de Luanda escondem crimes

Do tráfico de drogas à falta de policiamento, um ror de crimes foi denunciado por munícipes, num encontro com o ministro do Interior e o governador.

Nilza Massango

na Margarida (nome fictício) é membro de uma organização que responde pelos in-I teresses dos moradores de um bairro. Ela parece destemida; cheia de coragem. É, pois, vestida destes "trajes" que a senhora foi ao encontro organizado pelo Governo Provincial e o Ministério do Interior, no Cine Atlântico, no dia 4 de Novembro. O evento serviu para que os munícipes fizessem a denúncia de crimes. E foram muitas as queixas, resultantes de problemas causados pela falta de iluminação pública e de esquadras e de patrulhamento policial, entre outros.

A mulher dirigiu-se à autoridades com respeito, porém, sem rodeios. De forma directa, "nua e crua", falou sobre o que acontece na zona onde vive:

"Senhor ministro, o Rangel só tem ban-

didos, porque muitas mães permitem. Ninguém gosta de me ouvir a falar. Mas falo na mesma. Eu sou Ana Margarida e o meu terminal telefónico é ... ". A senhora criou expectativas. A sala de cinema estava lotada de pessoas, não para filmes, pois que há muito já não são exibidos, mas para um encontro deara auscultação e concertação com a sociedade civil luandense. Dona Margarida prosseguiu ...

"No Rangel, as casas abandonadas foram transformadas em locais de drogas. Eu digo isso com conhecimento de causa. Lá, meninos de 14 anos vendem drogas nas ruas. Até os de 10 anos estão também envolvidos no negócio. Eu não tenho vergonha, nem medo de falar claramente. Se o senhor ministro fizer um 'pente fino' no Rangel, vai ver que falo a verdade. Muitos, nesta sala, apresentaram as suas reclamações, mas ninguém assumiu ou disse que tem um filho gatuno, drogado ou um filho Pablo (denominação atribuída aos barões da droga). São pedras por cima do governador e do ministro, mas temos filhos e sobrinhos delinquentes ou bandidos".

Mostrando forte indignação, Ana Margarida foi mais clara ainda: "quem vende drogas ou liamba no Rangel são pessoas conhecidas. Eu conheço! Eu conheço e dou a minha cara. Se não formos fiscais do nosso bairro ou do lugar onde vivemos, onde vamos parar? Os nossos filhos vão tornar-se delinguentes. Estamos sujeitos a ir trabalhar e, no regresso, encontrar a casa invadida pelos amigos dos filhos, que levaram a arca ou a geleira. Isso é mau".

Dirigindo-se, especialmente, ao ministro do Interior, Ana Margarida disse: "peço ao senhor ministro para ir à esquadra do Rangel, num dia de operação, e vai questionar-se: 'será que o hospital de Oftalmologia está tão cheio, que as pessoas vêm sentar-se debaixo da sombra, junto à esquadra?' É demais. Eu estou cansada dessa situação e tenho dito às senhoras que não tenho medo e que falo claramente", disse a mulher, energicamente.

"VOU MOSTRAR O FOCO DA VENDA DE DROGAS..."

Como se não fossem suficientes e elucidativas as denúncias até ai feitas, Ana Margarida chamou a atenção das autoridades para o uso de crianças no tráfico de drogas.

"Agora, no Rangel, estão a formar-se grupos de crianças dos 8 aos 12 anos, que, a partir das 18 horas, andam com facas na cintura. As mães nunca têm faca para escamar o peixe, mas os filhos andam sempre com facas na cintura e com catanas. Às vezes, pergunto-me se o 4 de Fevereiro ainda acabou", deplorou.

Na sua longa e frontal explanação, Ana Margarida enfatizou que, na sua "batalha", tem contado com a colaboração da polícia local.

'Tenho trabalhado, às vezes, com o comandante Jordão. Agradecemos muito o seu apoio... Digo, claramente, que, quando o senhor ministro quiser, é só me contactar ou mandar alguém. Vou mostrar os focos da venda de drogas. O senhor ministro tem de manter um maior controlo no Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro, porque há dias próprios para a chega das drogas.

Ana Margarida descreve que, no Rangel, as mulheres viraram batoteiras:

"Só ficam nas ruas a jogar batota. Tornaram-se viciadas nesse tipo de jogo. Sangue e Fúria, Pisou Pico, Vaidade, Nogueira e Sete Curvas são ruas onde se pode ver raparigas e senhoras a jogar 'batota', todos os dias", apontou

A munícipe pediu ao ministro do Interior que co-

locasse, pelo menos, um agente da Polícia no Centro Médico do Rangel. "Há sempre confusão, quando os filhos lutam e vão parar ao centro, todos drogados e furiosos, as mães também se envolvem, chegando até a agredir as enfermeiras e partir vidros. É muita confusão!"

Cada interveniente teve dois minutos para falar. Mas Ana Margarida, que fez graves acusações e denúncias sobre a venda de drogas no Rangel, falou durante mais de cinco minutos. No final do seu depoimento, o ministro pediu que a senhora prestasse, depois, as suas declarações de forma personalizada.

Os episódios do Rangel, sobretudo porque foram contados com a frontalidade, roubaram o espaço das demais denúncias, todas elas não menos elucidativos. Assim, no encontro, que se revelou de grande ajuda para melhorar actuação da Polícia, no combate à criminalidade, imigração ilegal e outros problemas que contribuem para a insegurança dos cidadãos, houve mais de 60 inscrições. Mas, por escassez de tempo, apenas intervieram 30 pessoas. Ficou a promessa de futuros encontros do género, quando o governador de Luanda visitar cada município.

A prioridade nas intervenções foi dada aos sobas, que, entre outras questões. limitaram-se a reclamar da falta de energia e água, saneamento básico e das consequências das



QUEIXAS munícipe denunciou situações graves

LUANDA



NEMSEMPRETEM **COMO AJUDAR**

Os moradores de Cacuaco, zona do Monte Belo, na fronteira com Viana, também vivem dias de intranquilidade. Paula Fernando, coordenadora da Comissão de Moradores, explicou que houve situações que até hoje lhe tiram o sono, mas muitas vezes não teve como ajudar.



VIDROS FUMADOS GERAM PREOCUPAÇÃO

Lino Oliveira chamou a atenção da polícia para actuar sobre os carros com vidros fumados que circulam pelas estradas de Luanda, pois alguns "têm contribuído nos raptos que acontecem na nossa cidade", alertou o cidadão.



João Pedro*

abertura para o diálogo, proporcionada pelo governador de Luanda, Adriano Mendes de Carvalho, e o ministro do Interior. Ângelo de Viegas Tavares, foi aproveitada pelos munícipes da capital, que apresentaram muitas das suas preocupações e denunciaram factos que ocorrem diariamente nos bairros onde vivem.

Isabel Correia, que vive no município de Viana, distrito da CAOP A, lamentou o número de assaltos, ocorridos, principalmente, no período nocturno, sendo os estudantes alguns dos alvos. Mas as residências também não ficam a salvo.

"Os bandidos são jovens dos 14 aos 20 anos e entram nas casas armados e levam todos os pertences. Em alguns casos, violam as mulheres que encontram. É enorme a insegurança por que passamos. Não podem dizer-nos que

vai haver mais policiamento de proximidade. Queremos isso agora", clamou.

Os moradores de Cacuaco, zona do Monte Belo, na fronteira com Viana, também vivem dias de intranquilidade. Paula Fernando, coordenadora da Comissão de Moradores, explicou que houve situações que até hoje lhe tiram o sono, mas muitas vezes não teve como ajudar.

"Na semana passada, aconteceu algo muito triste. Um jovem foi, de madrugada, bater a porta da casa do vizinho, no que foi confundido com um gatuno. Deram-lhe uma surra e esfaquearam-no. Quando o lesado se dirigiu à esquadra de polícia, aconselharam-no a ir primeiro ao hospital. No dia seguinte, o jovem voltou ao posto policial e encontrou os agentes embriagados e ordenaram-no a ir à procura da Comissão de Moradores. Depois de analisar o caso, chegamos à conclusão de que o jovem era namorado da filha do vizinho... este foi obrigado a pagar o tratamento do jovem", contou a coordenadora.

Ana Miguel Kibuco, de 62 anos de idade, moradora do município de Belas, bairro do Tanque Seco, desde 2002, manifestou-se feliz por participar no encontro com o governador de Luanda e o ministro do Interior.

"Estou muito contente por estar aqui e poder expor a situação do meu bairro ao nosso governador. È triste o sofrimento que carregamos, há 15 anos. Vivemos em condições precárias. Para ter uma ideia, ainda bebemos água imprópria para o consumo humano, porque não temos água canalizada", disse.

A senhora acredita que ela e os outros moradores estão vivos até hoje, " pela graça de Deus", pois que, além da falta de água, não têm energia eléctrica.

"No bairro, sequer foi instalada a electricidade e, por falta de luz, a criminalidade só aumenta. Os bandidos batem-te a porta como se fossem visitas. É melhor você abrir, para eles entrarem e verem, se, na realidade, a casa não tem o que lhes interessa. Se não abrires a porta, eles entram pelas chapas, agridem toda a família e roubam o pouco que tens. O mais triste é que não temos policiamento no bairro", afirmou a anciã.

Ana Miguel Kibuco pediu às autoridades que coloquem, pelo menos, uma esquadra móvel, para amenizar o índice de criminalidade.

Já o mais velho Lino de Oliveira, morador do distrito da Maianga, bairro do Mártires do Kifangondo, mostrou-se preocupado com o facto de se verem invadidos por estrangeiros.

'A cada esquina do Mártires, há um estrangeiro, com tambor, a vender cabrité e não só. Muitos deles estão ilegais no nosso país. Por isso, agradecia que a nossa Polícia de Migração passasse um 'pente fino' no bairro para ver quem, na realidade, esta aqui legalmente", pediu.

Lino Oliveira chamou a

atenção da Polícia para actuar sobre os carros com vidros fumados que circulam pelas estradas de Luanda, pois alguns " têm contribuído nos raptos que acontecem na nossa cidade", alertou.

Lino de Oliveira mostrouse um citadino atento e pediu às autoridades vigilância em relação a muitas fábricas de produção de água, sem endereço físico no logótipo. Deu como exemplo uma garrafa que tinha em mão. "Infelizmente, muitas dessas garrafas de água mineral que trazem escrito casa sem número (s/n) estão a ser comercializadas na nossa capital e estão a fazer-nos mal. A quem vamos pedir responsabilidade, se não têm o endereço? Por isso, peço ajuda às autoridades competentes, no sentido de a fiscalizarem", destacou.

*COM NEUZA DE MENEZES

LUANDA

ANA KIBUCO **VIVEMOS EM CONDIÇÕES PRECÁRIAS**

É triste o sofrimento que carregamos, há 15 anos. Vivemos em condições precárias. Para ter uma ideia, ainda bebemos água imprópria para o consumo humano, porque não temos água canalizada", disse Ana Kibuco.



ISABEL CORREIA ENORME PERIGO

"Os bandidos são jovens, dos 14 aos 20 anos. Entram nas casas armados e levam todos os pertences. Em alguns casos, violam as mulheres que encontram. É enorme a insegurança por que passamos", queixou-se Isabel Correia.



PRESENÇA DE AGENTE **VAISER REFORÇADA**

A presença de agentes da Polícia Nacional, em zonas da cidade de Luanda, no período nocturno, vai ser reforçada, para ajudar as diversas instituições administrativas a melhorar a segurança pública.

A garantia foi deixada pelo ministro do Interior, Ângelo da Veiga Tavares, no encontro de "Auscultação Sobre a Situação de Segurança Pública na Província de Luanda". O governante refutou a ideia de que a situação de segurança pública é apenas da responsabilidade das autoridades policiais e administrativas.

O ministro do Interior informou que muitos especialistas, ao abordarem a segurança pública, geralmente, fazem ligação directa ao aumento da criminalidade.

"Mas, na verdade, a segurança pública é mais abrangente, embora a criminalidade seja uma parte expressiva que mexe com a sociedade. A ideia que o problema da segurança pública é da responsabilidade da Polícia, está errada. O primeiro participe da segurança é o cidadão, desde a sua formação, na família, escola e igreja. Se um indivíduo for educado de maneira correcta, a sua postura na sociedade vai ser diferente", destacou.

Ângelo da Veiga Tavares aproveitou a presença dos administradores municipais e dos chefes de comissões de moradores de vários municípios para, repetidas vezes, sublinhar que a problemática da segurança pública é fundamentalmente do cidadão. Destacando, desta maneira, a existência da Lei Nr 6 - Sobre o Funcionamento das Comissões de Moradores -, que estabelece as responsabilidades dos cidadãos em relação à forma como devem estar organizados.

O ministro do Interior foi peremptório, ao dizer que as comissões de moradores têm o dever de resolver os problemas comuns a ela, promovendo a participação activa na vida da comunidade, cultivando a prática da solidariedade e cooperação, defesa dos interesses comuns dos moradores e a melhoria da qualidade de vida.

"A construção anárquica é um problema de segurança pública e todos nos devemos estar atentos a este fenómeno e outros, que acontecem no nosso bairro. Só para lembrar, lá fora, na Inglaterra, em Israel, mesmo aquelas abordagens simples, que pensamos que estão a ser afáveis, são uma questão de segurança, isto para saberem quem passou por ai", explicou Ângelo Tavares.

O número reduzido de efectivos da Polícia Nacional, no período da noite, é das preocupações mais destacadas pelos munícipes. Por isso, o ministro garantiu melhorar a situação, pelo que os presentes no cine Atlântico o aplaudiram.

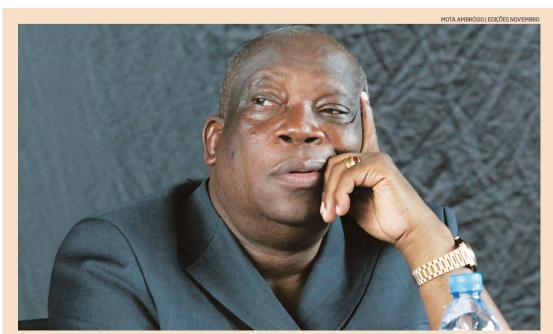
"Ainda temos em atenção algumas insuficiências, mas queremos maior presença de polícias nas ruas, à noite, pois, durante o dia, estamos aqui todos nós", disse. ΙP



INSEGURANÇA Munícipes dizem sentir a ausência das forças da ordem em muitas zonas da cidade, onde o crime assusta



AUTORIDADE Ministro do Interior, Ângelo da Veiga Tavares, promete uma mais forte presença da Polícia junto da população



GOVERNADOR Adriano Mendes de Carvalho pede uma maior cooperação dos luandenses

ENCONTRO PASSAM A SER REGULARES

A colaboração dos munícipes, na de- cedida, sem o diálogo aberto com as núncia dos criminosos que tiram a tranquilidade dos seus bairros, é um pedido feito pelo governador da província de Luanda, Adriano Mendes de Carvalho, durante a auscultação àqueles, sobre a situação de segurança pública. O governante garantiu que manterá, regularmente, encontros do género, para, de perto, ter conhecimento do que se passa, em termos de segurança, nos distritos.

Adriano Mendes de Carvalho salientou que o evento enquadra-se no contexto da mensagem do Presidente da Republica, João Lourenço, passada no acto de investidura. Na ocasião, o Chefe de Estado afirmou que "nenhuma governação será bem-sudiferentes forças sociais"

De acordo com Adriano Mendes de Carvalho, "temos que ouvir, constatar e resolver os problemas do povo. A necessidade de se dar voz aos nossos munícipes, tornando-os partícipes da governação, para que, em conjunto, possamos resolver os problemas na nossa comunidade"

A segurança pública, em Luanda, não é só o combate à criminalidade, no dizer do governado, mas, também a melhoria na educação, cultura, assistência social, médica e medicamentosa, no fornecimento da água potável e energia eléctrica a todos, promovendo, assim, o bem-estar às populações", definiu.



ROMARIA CRIANÇAS PRESENTES NO TRIBUTO AOS FALECIDOS

Os cemitérios registaram um aglomerado pouco visto. Eram pessoas de todas as camadas, inclusive crianças, que acompanhavam os pais para a singela homenagem ao familiar falecido. As ruas do Cruzeiro, Ngola Kiluanji, das imediações de Viana ou a Avenida Deolinda Rodrigues estavam "enfeitadas" de floristas, que aproveitaram para fazer negócio.



RECORDAÇÃO IRMÃOS TIRAM O DIA PARA HONRAR O PAI

Três irmãos tiraram o dia para construir a campa provisora para os restos mortais do pai, que jaz, desde Janeiro, no Alto das Cruzes. Os jovens, todos alegres, levaram bloco, cimento, colher, areia, água e até pedreiro, um amigo com quem trabalham.



Cristina da Silva

uma campa no Alto das Cruzes, identificada por 90A, Fátima Lima ora baixinho pelo irmão, falecido em 2001. Valdemiro Neves morreu aos 47 anos. Na altura, era o irmão menor. A senhora lacrimeja e lamenta a morte do irmão, um amigo dos seus amigos.

"Era uma pessoa especial para mim e muito boa para os seus amigos", conta, desconsolada, ao mesmo tempo que esfrega o terço que carrega nas mãos. Após limpar a campa, Fátima Lima depositou as flores e fez uma oração à alma do finado. Entretanto, após a morte de Valdemiro, mais dois irmãos morreram. Restam-lhe três. Quando não chora ou não lamenta a morte do familiar ou do amigo, quem visita o cemitério, no Dia dos Finados, fá-lo, pelo menos, para matar saudades do ente-querido ou arrumar o espaço onde jaz. Flores, orações e lágrimas marcaram a data.

Os cemitérios registaram um aglomerado pouco visto. Eram pessoas de todas as camadas, inclusive crianças, que acompanhavam os pais. As ruas do Cruzeiro, Ngola Kiluaji, das imediações de Viana e a Avenida Deolinda Rodrigues, para apontar apenas estas, estavam "enfeitadas" de floristas, que ofereciam os seus serviços a quem visitasse o cemitério.

No Alto das Cruzes, por exemplo, o entra e sai de pessoas era notório. Entre estas, estavam aqueles que aproveitaram o dia somente para assistir à missa de homenagem aos Finados, bem como os que cuidavam da limpeza do campo santo ou faziam a construção de campas provisórias.

Cada um honrava, ao seu jeito, um familiar, um amigo, enfim. Foi o que procurou fazer o pequeno Luate, de 13 anos, que estava em companhia do pai e da irmã de 10. Os dois menores visitavam, pela primeira vez, a campa do avó, sepultado em 1992. Luate conta que o avó era oficial da Polícia Nacional e morreu quando ele ainda não tinha nascido. "Como hoje é feriado, pedi ao papá para virmos ver o avó", disse o pequeno. Embora tímido, o menino conseguiu dizer que o dia é importante para as famílias. Opinião corroborada pela irmã.

Numa campa de cor preta jaz João Clemente. A esposa, filhos, netos e demais familiares escreveram em sua memória: "tens no céu um lugar tão grande quanto é por ti a nossa saudade na terra". A homenagem eterniza-se num pedaço de mármore, acompanhado de vasos de "buquês" de flores.

Numa outra campa, mais adiante, lê-se: "imensa é a saudade que ela deixará na terra. Infinita seja a paz em que descansa doce coração de Jesus sede o nosso amor". São mensagens que representam o sentimento que cada família nutre pelo seu ente-querido.

CONSTERNAÇÃO No cemitério do Alto das Cruzes, Fátima Lima cuida da campa do irmão, falecido em 2001, aos 47 anos



FAMILIARES **CONHECER O PASSADO**

Herivelto Fernandes, tal como outras crianças, visitava o cemitério pela primeira vez. Estava acompanhado da mãe, Rosa Fernandes. Para o pequeno de 10 anos, o Dia dos Finados serve para os familiares levarem amor e flores às pessoas que perderam. Ele não chegou a conhecer qualquer dos familiares cujas campas foi visitar.



CORRIDA ÀS FLORES OPORTUNIDADE PARA FAZER NEGOCIOS

O Dia dos Finados movimenta muitas pessoas aos cemitérios. É oportunidade de negócios para as vendedoras de flores. Estas que dão brilho e cor às campas. Nesta ocasião, as floristas estão em todas as esquinas que fazem fronteira com o campo santo.

HOMENAGEM Muitos caminhos foram dar aos cemitários, no último dia dois

UNS CHORAM ENTE-QUERIDOS OUTROS LAMENTAM PREJUÍZOS

Normalmente, o Dia dos Finados movimenta muitas pessoas aos cemitérios. Por isso, é também uma oportunidade de negócio para as vendedoras de flores. Estas que dão brilho e cor às campas. Nesta ocasião, as floristas são encontradas em quase todas as esquinas que fazem fronteira com necrópoles. No Benfica, por exemplo, o negócio foi montado logo à entrada que liga à Via-Expresso. Apesar de ser um cenário aparentemente normal, neste dia, há também um maior número de vendedores ambulantes a comercializar flores.

Divina Marta, considera a situação irregular, uma vez que as floristas do cemitério procuram organizar-se. "Acho que é nesta ocasião que os fiscais deviam intervir. Nós, que vendemos na porta do cemitério, para um visitante comprar é já com muita sorte, tudo porque a ponta dá rua está cheia de vendedores ambulantes a despacharem o mesmo produto", lamentou.

Filipe Matias vende flores pela primeira vez. Ele foi contratado por alquém, somente para fazê-lo neste dia. "Como vem muita gente, estamos a aproveitar para despachar também o nosso negócio", justificou.

O mesmo cenário desenha-se no Cruzeiro, a poucos metros do cemitério do Alto das Cruzes. Contudo, a situação desagrada às vendedoras das bancadas, que, como taxa, pagam, por semana, dois mil Kwanzas.

Patrícia Soares, uma vendedora das bancadas, fala mesmo em má fé. Florista há mais de sete anos, contou que a zunga (venda ambulante) de flores atrapalha o investimento que ela e as colegas fazem para esta ocasião.

"Quase não vendemos, porque as ruas e travessas do Cruzeiros estão todas minadas com floristas-zungueiras, vindas de outras paragens", lamentou. Ela dá exemplos de como são prejudicadas. Um pé de flor sem arranjo era vendido a 750 Kwanzas na tenda, enquanto na zunga saía a mil kwanzas, já com arranjo. Por outro lado, o pé preparado com rosa ou margarida, lírio, gipson, feto ou outro, na bancada, custava dois mil. Na rua era vendido a mil.

Dona da Tenda 32. a florista Patrícia Soares faz muitos investimentos. Por isso, lamenta que, nesta ocasião, tudo vá por água baixo. "Pagamos taxa e temos empregada. Com esta desorganização, é impossível recuperar o dinheiro investido", contestou. Disse também que os preços nas tendas são uniformizados e que há a possibilidade do cliente discutir.

Na Tenda 32, o arranjo de até 36 pés pode custar mais de 54 mil Kwanzas, enquanto a coroa, que pode ser grande, média e pequena, fica entre sete e 35 mil. Além de servirem o Dia dos Finados, as floristas prestam também servicos de decoração em casamentos, arranjos de buquê de noiva, com direito a entrega ao domicilio.

Zungueira, a florista Esperança Ernesto é comerciante do Largo da Escola Nzinga Mbande. Porém, devido à procura no cemitério do Alto das Cruzes, resolveu instalar-se numa das travessas do bairro do Cruzeiro. Por alguns instantes, a reportagem foi interrompida, porque a vendedora, ante a presença de clientes, pôs-se a apregoar: "comprem na mãe do Joelson e Jeovane; precisam de comer. Comprem flores frescas, bonitas e baratas"...

Esperança Ernesto vende há cinco anos e, nestas ocasiões, também frequenta o cemitério da Sant'ana. "É só mesmo coragem. Se não fizer isso, também não como", disse.

COMO UMA TERAPIA

Para muitas pessoas que perderam um familiar próximo, a visita à campa representa, em muitas ocasiões, uma terapia. É o caso de Rosa Fernandes. Na companhia do filho de 10 anos, a mulher, de 39, visitava as campas do pai, do irmão e do avó. Diz que a morte prematura do irmão, aos 15 anos, é das recordações que nega acreditar. O irmão foi vítima de um tiroteio no prédio em que vivia, numa situação que envolveu vizinhos.

"No dia 12 de Novembro, o meu irmão estaria a completar 36 anos de idade. Morreu muito jovem. Tinha apenas 15 anos", lembrou. Nos instantes de tristeza, Rosa procura sempre pelo pai, embora na campa, para com ele e Deus conversar. "É uma terapia que faço, sempre que me encontro triste", explica.

Já Herivelto Fernandes, tal como outras criancas, visitava o cemitério pela primeira vez. Para o pequeno, o Dia dos Finados serve para os familiares levarem amor e flores às pessoas que perderam. Também ele não chegou a conhecer qualquer dos familiares cujas campas foi visitar.



LEMBRANÇAS Irmãos cuidam da campa do pai, de quem sentem saudades

VINTE E SEIS CAMPAS DEPOIS...

Os negócios estão, muitas vezes, aliados a ocasiões de celebração. Por exemplo, muitos jovens vêem no Dia dos Finados oportunidade para fazer algum dinheiro, limpando campas em alguns cemitérios.

Com dois bidões de cinco litros de água, escova e pano, Martins Kuginga andava entre as campas à procura de um trabalho de limpeza. Na altura da reportagem, dizia não ter limpado ainda qualquer jazigo, embora não o aparentasse, pelos vestígios de sujidade nas mãos e nos pés.

Era a primeira vez que Martins entrava no cemitério do Alto das Cruzes e fazia esse trabalho, contou o jovem, que vive com a mãe e cinco irmãos.

Diferente de Martins, estão as jovens Vitoriana Jerónimo e Cristina Quintas. São irmãs e trabalham, há um ano, com a mãe, na limpeza e arrumação de campas. No dia 2 de Novembro estavam, a dada altura, a comer uma sandes de ovo e chouriço, depois de terem limpado ... 26 campas. Vitoriana tem o curso médio de Ciências Económicas e Jurídica, enquanto Cristina ainda estuda. Vitoriana começou a trabalhar na limpeza de campas em Agosto do ano passado. Todas as semanas, de quarta a sábado. Ela chega a limpar até 40 campas em dias normais. "A minha mãe tem contrato com algumas famílias, que nos pagam mensalmente", disse.

Muitas das campas que a família de Vitoriana cuida são de pessoas que não residem em Angola.



CUIDADOS Reinaldo faz trabalhos de limpeza

Assim, para a manutenção, alguns pagam com antecedência; outros, como os residentes, pagam ao mês. "Em muitos casos, chegamos a acumular pagamentos de seis meses a um ano, o que já nos dá um bom dinheiro", explicou Vitoriana, a sorrir. Garante que nunca sentiu medo dos mortos, pois, para ela, "somente os vivos fazem mal".

Três irmãos tiraram o Dia dos Finados para construir a campa provisora para os restos mortais do pai, que jaz, desde Janeiro, no Alto das Cruzes. Os jovens, todos alegres, levaram bloco, cimento, colher, areia, água e até pedreiro, um amigo com quem CS

ENTREVISTA



CEMITERIOS

Os cemitérios já não são lugares de violência, segundo Felipe Mahapi. "Excepto por aquelas famílias menos instruídas, que levam as suas desavenças para os cemitérios. Temos ainda a venda desordenada junto aos cemitérios. Mas pensamos que, com a pronta intervenção da Policia, muita coisa tende a melhorar".



NOVOS ESPAÇOS À VISTA

Cerca de quatro novos cemitérios serão erguidos, em espaços já localizados, sendo dois nas zonas dos Ramiros e do Zango. Em relação aos restantes, segundo à administração dos cemitérios, foi solicitado aos administradores que arranjem os espaços, isto para os casos de Cacuaco e Icolo e Bengo.

ESTATÍSTICA

Luanda regista média de 50 funerais por dia

A capital pode ter um crematório nos próximos tempos e vai contar com mais quatro cemitérios, afirma o chefe destes serviços, Filipe Mahapi.



Cristina da Silva

província de Luanda regista, actualmente, uma média de 50 funerais por dia, nos seis cemitérios por que responde, afirma o chefe dos Serviços dos Cemitérios do Governo Provincial de Luanda (GPL), Filipe Mahapi. Em entrevista ao Luanda, Jornal Metropolitano, o responsável avançou que, nos próximos tempos, Luanda poderá contar com um crematório, a ser instalado no Cemitério do Benfica. Está, igualmente, prevista a construção de mais quatro cemitérios, no Zango, Ramiros, Cacuaco e Icolo e Bengo.

Quantos cemitérios oficiais têm a província de Luanda?

Neste momento, oficiais são seis. Temos o Alto das Cruzes, Santana, Catorze, que é o da Mulemba, Camama, Viana e Benfica.

Ainda temos cemitérios clandestinos em

Nós estamos a desactivar todos aqueles cemitérios que ainda se encontram no casco urbano. Praticamente, estão todos desactivados. Pode aparecer um ou outro distantes da cidade, que estão sob controlo dos sobas, mas que na verdade...

A que zona se refere?

Icolo e Bengo, Quissama. Mas também os há um pouco distante da cidade. Mesmo nos Ramiros, temos um que está em vias de ser desactivado.

Os cemitérios que estão a ser desactivado vão dar lugar a novos projectos? Sim.... Se tiverem espaço pode vir a acontecer. Mas também não terão espaços. Os que estão a ser desactivados. vamos vedá-los e deixá-los sem qualquer actividade.

Com a desactivação destes espaços, surge então a urgência em se construírem outros, para a realização de funerais em Luanda?

Evidentemente, sim. Na verdade, é um projecto que temos em carteira, já há algum tempo e que só não foi realizado devido à crise.

Quantos serão construídos e em que zonas?

Estamos a falar de aproximadamente quatro novos cemitérios para Luanda. Neste momento, já localizamos um espaço nos Ramiros, para a construção de um novo, e na zona do Zango. Em relação aos restantes, pedimos aos administradores que arranjem os espaços, isto para os casos de Cacuaco e Icolo e Bengo.

Quanto paga uma família para ocupação do espaço?



RESPONSABILIDADE Chefe dos Serviços dos Cemitério de Luanda, Filipe Mahapi

"O cemitério do Benfica tem cem hectares e neste momento só está a ser usado a área vedada, que é de trinta e seis hectares. Ainda temos muito tempo para continuar a explorar este espaço."

Após o funeral, a família faz o licenciamento e a intenção de aquisição do espaço, no que é pago aproximadamente dez mil kwanzas.

Quais os trâmites a seguir até se chegar ao sepultamento?

Primeiro, a pessoa morre. Dependentemente das razões, é levada ao médico legista, para que passe o certificado de morte, documento no qual vem descrita as causas. Depois, a família dirige-se a uma conservatória para o registo e obtenção do boletim de óbito, que dá a possibilidade de a pessoa ser sepultada. Toda a gente tem que ser enterrada com o boletim de óbito. Com o boletim em posse, a família dirige-se à secretária do cemitério, para marcar a data e horário do funeral.

Um nado-morto também precisa de boletim de óbito. para ser sepultado?

Sim. Até o nado-morto deve ter um boletim de óbito. A família tem de ir à conservatória fazer o registo e depois dar-lhe este documento.

Os boletim, além de atestar o lugar do sepultamento, serve para outros fins?

O boletim é um documento importante, que ajuda o Governo a controlar o senso. Com isso, já sabemos quantas pessoas morrerem, quantas estão vivas. O senso aumenta ou diminui, quando alguém nasce ou alguém morre.

Antigamente, era possível escolher o cemitério. Mas pa-

rece que hoje os vossos servicos é que definem?

Isto por uma razão muito simples. O Governo Provincial, por norma, quando tem cemitérios disponíveis, anuncia a todas as conservatórias. Dai que vimos sempre, nos boletins, os mesmos cemitérios, mesmo que o funeral seja feito num outro. Tudo isso tem a ver com a disponibilidade de espaço. Neste momento em que falamos, só o Benfica está a funcionar em pleno. Dai que os munícipes são encaminhados todos para este cemitério.

E quando o munícipe tem campa de família ... qual é o procedimento?

Neste caso, os munícipes devem fazer-se acompanhar do documento da campa da família à conservatória, para que verifique a autenticidade. Depois, devem dirigir-se à secretária do referido cemitério, para o registo e anunciar o dia e a hora do funeral. Na secretaria, pagam uma receita para o funeral. São valores que variam de 7.500, para funerais simples, a 14.500. Há outros valores, que possibilitam o uso da aparelhagem de som e de tendas. O serviço chega a custar até 32.000kz. Depois deste pagamento, é passado um recibo e, no dia do funeral, devem, obrigatoriamente, fazer-se acompanhar do recibo e do boletim original, que fica no cemitério logo após o funeral.

E quem retira as ossadas em campas de família?

Por norma, são os técnicos dos cemitérios, em companhia dos familiares. Por exemplo, na exumação, pa-

ENTREVISTA



PARABREVE CREMATÓRIO À ESPERA **DE"LUZ VERDE"**

Na verdade, até já existe, em Luanda, um crematório comprado pelo próprio Governo. Estamos à espera de uma "luz verde" para montarmos o aparelho, mesmo aqui no Benfica, disse Felipe Mahapi, chefe dos Serviços dos Cemitérios



ROMARIA **CAMINHOS FORAM DAR**

A 2 de Novembro, data em que se celebra o Dia dos Finados, cemitérios tiveram a visita de centenas de pessoas. Para muitas delas, que perderam um ente-querido, a ida à campa representa, em muitas ocasiões, uma terapia.

AO CAMPO SANTO

ra realização de um outro funeral, na mesma campa, os familiares trazem um caixão pequeno, onde são colocados os restos mortais, que é depositado um pouco mais abaixo, no lugar onde será sepultado o outro corpo.

Em Luanda, ainda não se faz cremação? Infelizmente, até hoje nunca fizemos cremação.

E pensam implementar este serviço?

Na verdade, até já existe, em Luanda, um crematório comprado pelo próprio Governo. Estamos à espera de uma "luz verde" para montarmos o aparelho, mesmo aqui no Benfica.

Quando for montado o crematório, quem o quiser vai ao cemitério do Benfica?

O crematório não se deve instalar em qualquer lugar; obedece a alguns critérios. Esperamos que, quando se aprovar a lei, até porque o acto ainda não está legislado no país, pensamos então poder realizar tal procedimento, mas somente no Cemitério do Benfica.

No Benfica está o único cemitério em pleno funcionamento. Qual é a sua capacidade?

O cemitério do Benfica tem cem hectares e neste momento só está a ser usado a área vedada, que é de trinta e seis hectares. Ainda temos muito tempo para continuar a explorar este espaço.

Qual o número de funerais que se realizam em Luanda?

Na cidade de Luanda, estamos a realizar 50 funerais por dia.

Os nossos cemitérios ainda continuam a ser locais de violência?

Não tanto como no passado. Excepto por aquelas famílias menos instruídas, que ainda levam as suas desavenças para dentro dos cemitérios. Temos ainda a venda desordenada junto aos cemitérios. Mas pensamos que, com a pronta intervenção da Polícia, muita coisa tende a melhorar dentro e fora dos cemitérios de Luanda.

Ainda há campas vandalizadas ...?

Infelizmente, isso ainda é uma realidade em Luanda. Pessoas que tiram vasos e plantas de outras campas, para colocarem nas de seus falecidos familiares.

E a procura de ossos em cemitérios ...?

Isso agora já não se vê. Também temos o apoio permanente da Polícia Nacional e muitos dos que assim procediam, os ditos curandeiros ou falsos curandeiros, actualmente, encontram-se detidos e em juízo. Na altura em que se

notava isso, só tínhamos um cemitério quase a funcionar em pleno, que era o Cemitério da Mulemba. Nos os outros estávamos a retirar as ossadas e reagrupá-los.

Quantos funcionários controla o vosso departamento?

O departamento de Serviços de Cemitérios conta com 180 funcionários públicos. São coveiros, auxiliares de limpeza, jardineiros, guardas e outros.

O GPL faz funerais de pessoas achadas na via pública?

Sim! É responsabilidade do Estado velar pela organização social dos cidadãos. Com isso, todos os corpos encontrados na via pública e sem familiar, logo depois achados pelo SIC (Serviço de Investigação Criminal), são recolhidos e tratados pelos médicos legistas, que depois os encaminham para os nossos serviços, que fazem o sepultamento.

Por que razão não há funerais à tarde?

Uma estratégia para ajudar as famílias que acabavam por ter despesas avultadas para manter as pessoas. Dai que os horários foram alterados e seguem de segunda a sábado, até às 15h00, e aos domingos e feriados, até às 12h00.



NORMAS Construção de campas depende de contrato

CUSTOS PELA OCUPAÇÃO NÃO SÃO PAGOS

Muitos cidadãos continuam a ocupar espaços nos cemitérios, mas não pagam os cinco mil Kwanzas de imposto anual, exigidos para mantê-los. A situação tem criado constrangimento a algumas famílias, que, quando se dirigem aos serviços ligados aos cemitérios, para a regularização da taxa, são confrontadas com dívidas avultadas.

"Muitos ocuparam o lugar no ano de 2000, licenciaram-no, mas, desde a data, até 2017, nunca pagaram nada ao Estado", esclareceu Filipe Mahapi. Nestes casos, para as famílias voltarem a abrir a campa, é-lhes imposto o pagamento dos anos anterior. "Sem isso, é impossível realizar o funeral neste lugar", disse.

Filipe Mahapi garante que o processo que leva à aquisição de espaço não é burocrático e segue os trâmites normais: pagamento de dez mil Kwanzas e licença para a construção e ocupação.

Depois de construída a campa, a família anuncia o facto à direcção do Cemitério, que, por seu lado, encaminha a informação ao Departamento de Serviços de Cemitério e ao Gabinete Jurídico do Governo Provincial de Luanda. Este organiza a documentação, que é encaminhada ao Bairro Fiscal, para ser paga pelo requerente. É, então, formalizada a Escritura, assinada pelo Governador, Gabinete Jurídico e o Requerente. Este aceita o compromisso de depositar, anualmente, na Conta Única do Tesouro, o valor de cinco mil kwanzas, independentemente de haver morte na família.

VELÓRIOS

Luanda conta hoje com dois velórios, nos cemitérios do Benfica e da Santana. No primeiro, o servico vária entre 20.000 e 70.000 Kwanzas, com direito a sala com 100 cadeiras e servicos de higiene e refrigeração. Aqui, não é permitido pernoitar. Já no cemitério da Santana, um espaço moderno, com primeiro andar, o preço pelo uso vária entre os 250,000 e os 300.000 Kwanzas, para o caso de pernoita, que é das 18 horas até ao sepultamento. Se se pretender a sala para algumas horas, isto é, das 8h00 até ao funeral, a taxa é inferior e negociável.

Durante este serviço, quem o solicita encontra tudo, inclusive água e refrigerante sem alimentação. Filipe Mahapi disse que apenas biscoitos, entre a comida, são permitidos nos velórios. "Em nenhum destes velórios são aceites bebidas alcoólicas e comida", explicou.



REORGANIZAÇÃO Cemitérios localizados no casco urbano estão a ser desactivados, embora surja um ou outro numa zona distante

CULTURA



CESTOS, KINDAS ..

A MATEBA AO SERVIÇO **DA CULTURA NACIONAL**

O material para fabricar cestos (com ou sem tampa), balaios ou kindas vem da mateba, que, geralmente, é encontrada nas redondezas da Barra do Cuanza. É uma planta de cujas folhas também são feitas cordas, vassouras, bandejas, chapéus e bases para tachos e panelas.



DIZEMARTISTAS

FRACA DIVULGAÇÃO **FAZ BAIXAR VENDAS**

Vendedores lamentam a pouca divulgação da Feira, quando a comparam com o fluxo que tinham no mercado no Benfica. Os estrangeiros continuam a ser os que mais os procuram e compram lembranças de Angola para levar aos respectivos países.



MOSTRUÁRIO Uma variedade de artigos de arte, representativos da cultura do povo angolano, de Cabinda ao Cunene, testa a sensibilidade de quem visita o local

No sopé de um museu, nascem obras de arte

A Feira de Artesanato alberga os comerciantes de artes saídos do extinto mercado do Benfica. Cerca de 10 mil peças são expostas diariamente.

João Pedro

ara quem gosta de quadros, esculturas ou outro tipo de obra arte, a nova Feira de Artesanato, localizada no sopé do Museu da Escravatura, é paragem obrigatória. Situada na Estrada Nacional 100, a nova Feira alberga, desde o dia 28 de Novembro de 2016, os comerciantes de artes saídos do extinto mercado do Benfica. Este lugar, comparativamente ao anterior, é mais adequado para o tipo de negócio. Aliás, foi concebido para o efeito.

Na área, a paisagem magnífica do mar é completada pelas embarcações de passageiros que, diariamente, ali chegam. Os quadros e outras obras expostas ao ar livre chamam a atenção de qualquer pessoa. Há uma variedade de artigos de arte, que representam a cultura do povo angolano, de Cabinda ao Cunene.

Os vendedores, que também podem ser ou não artesãos, expõem, todos os dias, cerca de 10 mil peças. São muitos os que ali produzem as suas obras, com maior ou menor lentidão. Tudo depende da inspiração, do volume de trabalho e da delicadeza do produto. Estando na Feira, é possível eleger um artista e pedir-lhe que faça algumas peças personalizadas. Sem qualquer personalização mais específica, a escultura conhecida como "O pensador" é uma das que mais sucesso faz entre os compradores nacionais e estrangeiros. A estatueta de madeira é representada por um ancião encurvado, com as mãos na cabeça, posição indicativa de reflexão. A peça tem origem na cultura Lunda-Tchokwe e simboliza a sabedoria dos mais velhos.

Também vinda do nordeste angolano, a escultura Mwana Pwo, máscara que idealiza os valores femininos, é outro dos artigos mais comprados pelos apreciadores e coleccionadores, sobretudo estrangeiros.

MAIS VENDIDOS

A exposição dos quadros chama, realmente, atenção de quem chega ao Museu da Escravatura. O colorido das telas pintadas a óleo dá um outro cenário ao local.

Pedro Mvula, artista plástico há mais de 8 anos, disse que os quadros de temas tradicionais são os mais procurados. Os preços variam em função dos tamanhos: que vão dos 3 aos 200 mil Kwanzas.

"Mas aqui há um segredo. Quando anunciamos um preço, nem sempre o cliente concorda. Entramos numa negociação, até chegarmos a acordo. Só assim se consegue vender alguns quadros", disse Pedro Mvula.

A disposição e a inspiração de pintar uma tela vária. Há dias em que a pessoa está inspirada e faz uma coisa incrível, detalha o jovem. Quanto aos clientes, diz que "alguns são coleccionadores e estão sempre a comprar. Também há os estrangeiros, que levam sempre uma recordação".

SATISFAÇÃO "VERSUS" **RECLAMAÇÃO**

Os artesãos da Nova Feira de Artes consideram o local bonito e organizado, com cacifos, o que lhes permite guardar os quadros e materiais de pintura. Entretanto, queixam-se da falta de cobertura no espaço. O sol e as chuvas destroem, completamente, os quadros e as esculturas que ali são expostas.

Também lamentam a pouca divulgação da Feira, quando a comparam com o fluxo que tinham no mercado no Benfica. Concordam que os estrangeiros continuam a ser os que mais os procuram e compram lembranças de Angola para levar aos seus países.

Em relação aos materiais específicos para a elaboração de um quadro ou obra de arte, os artistas dizem que não são tão difíceis de encontrar. Podem comprá-los no Mercado do Kikolo e em algumas lojas, na Mutamba



TELAS Pedro Mvula, artista plástico há mais de 8 anos



JORGE PIRES A ARTE NAS MÃOS

O habilidoso e criativo Jorge Pires vive da arte de trabalhar a madeira a mão. Na altura da reportagem, ele fazia o acabamento em seis mascaras Mwna M'pwo. O jovem, que aprendeu a profissão de escultor com o falecido pai, tem tanto traquejo, que consegue fazer de qualquer pau uma excelente obra de artesanato.



GIRAFAS E NÃO SÓ UMA "FAUNA" ROBUSTA NA FEIRA DO ARTESANATO

A oferta é vasta. Vai além dos símbolos da cultura nacional. Na Feira de Artesanato, os criadores não têm limites. A imaginação retalha a madeira, esculpe elefantes, leões, girafas, enfim, figuras e máscaras de todas as expressões e feitios.

ARTE Balbina José aprendeu com a mãe

OBRAS DE MATEBA: BALAIOS E CESTOS NA LINHA DA FRENTE

Sentada, a cuidar dos últimos detalhes de um cesto de mateba, feito com muita habilidade, Balbina José explica que aprendeu a arte com a mãe, desde muito cedo. O que começou como brincadeira, hoje é uma profissão. Várias objectos fabricados ali mesmo estão expostos, à vista de todos e à espera de clientes. Os mais procurados são o balaio e o cesto para roupa.

Desde que a Feira do Artesanato passou para o novo local, no Museu da Escravatura, o número de clientes reduziu substancialmente. As razões para a fraca procura cada um explica. Uns culpam a distância, outros apontam a inexistência de um letreiro a identificar o local. "Pela estrutura arquitectónica que isto tem, algumas pessoas não entram, pensam tratar-se de um condomínio. Outros dizem que aqui é muito distante", disse Balbina José.

No alto da experiência que os seus 57 anos lhe conferem, dona Balbina não facilita. Deixa o contacto com os clientes que, algumas vezes, encomendam alguns cestos. O material para fabricar o artesanato é a mateba, que, geralmente, é encontrada nas redondezas da Barra do Cuanza. É uma planta de cujas folhas se fazem cordas, vassouras, cestos (grandes e pequenos, com tampa e sem tampa), bandejas, chapéus e bases para tachos e panelas.

Para a artesã, o mais importante é conseguir fazer dinheiro. "O trabalho vai dando para cumprir esse objectivo", afirma, com o sorriso de quem olha para a vida como uma dádiva, não exigindo dela mais do que a própria subsistência. A tecer um cesto, conta que, na antiga praça do artesanato, no Benfica, havia clientes que pagavam, na compra deste mesmo cesto, entre os 12 e os 8 mil Kwanzas. Quanto ao local onde se encontram agora, a falta de cobertura é uma das preocupações, pois o sol e a chuva danificam as peças.

ARTE DE ESCULPIR A MADEIRA

O habilidoso e criativo Jorge Pires vive da arte de trabalhar a madeira a mão. Na altura da reportagem, ele fazia o acabamento em seis mascaras Mwna M'pwo, da cultura dos povos da Lunda Sul. O jovem, que aprendeu a profissão de escultor com o falecido pai, tem tanto traquejo, que consegue fazer de qualquer pau uma excelente obra de artesanato.

Jorge Pires diz que, para fazer uma peça, leva três semanas, isso desde o desenho e a formação do que deseja. "O processo passa por várias fases, até chegar à final, a da pintura", explicou. O material usado varia de acordo com a escultura que se pretende: pode ser feita em pau-preto, pau-ouro ou madeira ntsaia, que existe na floresta do Mayombe.

"Para fazer uma girafa, um pensador ou a Mwna Mpwo de dois metros de altura, levamos algum tempo; algumas semanas para terminar a obra com perfeição. Geralmente, são esculturas e símbolos da cultura angolana. Por isso, precisamos de mais tempo", explicou o habilidoso artesão. JΡ

UM LUGAR DE PEREGRINAÇÃO

Ali, no lado direito, sentido Barra do Kwanza, existe um lugar de "peregrinação" para aqueles que se interessam pelas formas e tons das artes plásticas angolanas. O cheiro da tinta e do mar confundem-se. Parecem dar inspiração aos artistas, que, munidos de formões e lixas, esculpem e raspam as peças, dando-lhes retoques finais.

A oferta é vasta. Vai além dos símbolos da cultura nacional. Na Feira de Artesanato, os criadores não têm limites. A imaginação retalha a madeira, esculpe elefantes, leões, figuras e máscaras de todas as expressões e feitios. Mas se lhes dão pinceladas, da imaginação saem telas pintadas com cenas do dia-a-dia, particularmente, das culturas tradicionais de Angola. Quase

sempre há pinturas de mulheres que oferecem um colorido muito especial.

Os quadros sem moldura estão aos milhares. No labirinto das bancadas e entre os artigos expostos, no espaço de 300 por 40 metros, encontramos também colares e pulseiras de missangas, cestaria, objectos feitos de esteira, de pau-ferro, paupreto, rosa ou cinza. Os valores podem chegar aos mais de 80 mil Kwanzas.

A nova Feira de Artesanato, ainda que lentamente, vai se tornando conhecida. É um lugar incontornável para quem visita Luanda e se prepara para entrar numa nova fase. O Centro de Artes tem cinco edifícios um auditório e ateliers. Tem capacidade para albergar 275 artesãos.



NEGÓCIO FECHADO Cliente e artesão chegam a acordo para a compra/venda de um elefante em madeira

OFERTA Peças deiversas à espera de compradores

MAIS COLECCIONADORES ESTRANGEIROS

Um artesão negociava com um cliente chinês que estava interessado em comprar um elefante em madeira. A conversa foi rápida, tão rápida, que a peça foi vendida a 100 mil Kwanzas. Ambos os lados ficaram satisfeitos. O cliente e o vendedor sorriram.

Yuehan Pei de Luo, de nacionalidade chinesa, trabalha em Angola há oito anos. Sempre que pode, compra peças de artesanato e envia-as ao seu país. "É para ter recordações da cultura angolana, quando um dia terminar o meu contrato de trabalho", explica. Para ele, não é fácil escolher o que comprar, com tantas pecas fascinantes pa-

ra coleccionar. "Uma é melhor que a outra. Mas acabamos por levar sempre mais de duas peças", disse o Yuehan Pei de Luo. Queixou-se dos preços: "estão muito elevados nos últimos tempos". Já Mário Paulo, que também é apreciador das artes, garantiu que tem em casa mais de 20 peças de diversas regiões do país. Sempre que possível, ensina os filhos a importância de valorizar a cultura nacional.

Desde a mudanca da praca do artesanato para o Museu da Escravatura, a distância tem dificultado um pouco. Mas sempre que tem um tempo disponível, Mário Paulo não deixa de visitar o lugar, para verificar se tem novidades. JP

MUNICÍPIO



JOÃO ANDRÉ **AS PESSOAS INSISTEM** EM USAR ESSAS CANOAS

O transporte de pessoas nessas embarcações está interdito. "São pequenas canoas de fabrico artesanal, proibidas à navegação. Mas, por teimosia, as pessoas insistem em usá-las e são surpreendidas pelas enchentes", disse o coordenador do Zenza, João Sebastião André.



CAPTAÇÃO **AVARIA NO SISTEMA** DEIXA A ZONA SEM ĀGUA

A falta de água na região deve-se a uma avaria no sistema de captação, que é feita a partir do rio. Outra preocupação é a segurança, porque, "aos poucos, a zona está a ser refúgio de delinquentes que fogem de Luanda e de outras localidades".



Zenza do Golungo **A longa travessia para a morte**

Cinco pessoas perderam a vida, em embarcações sem condições de segurança, durante tempestade.

Fula Martins

travessia da lagoa que separa margens do Zenza do Golungo, onde se estendem várias comunidades de Cassoneca, no município de Icolo e Bengo, é feita regularmente, de um lado para o outro. A pesca e a agricultura são as principais actividades da região, o que obriga os habitantes a que se desloquem, constantemente, para o "coração" da localidade, onde existe o porto e a venda de produtos é mais frutífera.

As deslocações são feitas em canoas sem condições de segurança. Dezenas desses meios cortam a lagoa às primeiras horas, em viagens que se prolongam até ao fim do dia. São vinte milhas (32,19KM) de uma margem à outra. Na tarde de terça-feira, três de Novembro, muitas dessas embarcações seguiam para a outra margem do Zenza do Golungo, carregadas de passageiros, quando rebentou uma tempestade. O caudal da lagoa subiu e canoas, meios de transporte frágeis, viraram.

O número de mortos resultantes do incidente atingiu os cinco, depois de, inicialmente, as autoridades locais terem anunciado dois. Doze pessoas estiveram desaparecidas, mas acabaram resgatadas, 24 horas depois. Os corpos das vítimas mortais, entre elas uma criança de quatro anos, que morreu com a mãe, repousam no cemitério local.

Devido ao estado avançado de putrefacção dos cadáveres, os familiares e pessoas próximas assumiram a responsabilidade de realizar os funerais, afirmou o coordenador do Zenza do Golungo, João Sebastião André "Capita".

"A ajuda garantida pela Administração do Icolo e Bengo demorou a chegar, devido ao mau tempo que se fazia sentir no Zenza do Golungo e às dificuldades na travessia da lagoa. Quando o apoio se efectivou, os mortos já tinham sido sepultados", explicou o responsável.

Por força de incidentes como este, as autoridades optaram por proibir o transporte de pessoas nessas embarcações. "São pequenas canoas de fabrico artesanal, proibidas à navegação. Mas, por teimosia, as pessoas insistem em usá-las e são surpreendidas pelas enchentes", esclareceu.

FAMÍLIAS AO RELENTO

Mais de 50 famílias do Zenza do Golungo estão ao relento, devido à destruição das suas casas pelas chuvas recentes. No último dia três, cinco casas foram totalmente destruídas e outras vinte ficaram sem tecto.

"Se não fosse a ajuda dos outros moradores, a situação seria dramática", informou o coordenador. Ele pede materiais como chapas, produtos alimentares e inputs agrícolas, que ajudarão a minorar as dificuldades e o sofrimento dos sinistrados.

MULHER DE 17 ANOS DÁ À LUZ EM MATAGAL

Uma mulher de 17 anos deu à luz ao filho, num matagal, quando se preparava para fazer a travessia da lagoa do Zenza do Golungo, comuna do Cassoneca, município de Icolo e Bengo

O parto aconteceu no início da tarde do passado dia 6 de Novembro, quando a jovem, identificada por Sara, que ia à sede municipal de Icolo e Bengo, entrou em trabalho de parto, no que foi assistida por familiares e pessoas amigas.

Depois de lhe ser cortado o cordão umbilical, o recémnascido foi limpo e não passou por testes preliminares de saúde. A mulher foi aconselhada a procurar por assistência médica especializada, num hospital. Mas, determinada em voltar para a casa com o filho recém-nascido ao colo, Sara restabeleceu-se e foi, tranquilamente, para casa.

Algumas delas conhecedoras do quadro de debilidade que afecta quem acaba de dar à luz, testemunhas mostraram-se impressionadas com a reacção da jovem mulher. O soba grande de Zenza do Golungo, João Jacinto Diogo, desdramatizou, entretanto, a situação.

"Por quê é que isso é uma surpresa. Antes de existir ambulâncias e hospitais, os partos já eram feitos assim. Nós não vemos isso todos os dias, mas esse parto mostra como as mulheres são fortes e determinadas. Espero que a mãe e o bebé estejam bem", disse.



NOVA VIDA Sara deu à luz um menino, que a "surpreendeu" antes da travessia.

MUNICÍPIO

FALTA QUASE TUDO HABITANTES CLAMAM POR BENS E SERVIÇOS

Os habitantes do Zenza do Golungo clamam por quase todos os serviços: posto de saúde, escola ou um destacamento policial, para melhor corresponder à densidade populacional na região. É as doenças abundam.



TERRA BATIDA CIRCULAÇÃO DIFÍCIL

O caminho que dá acesso à aldeia do Zenza do Golungo é de terra batida. Os constrangimentos surgem por causa da chuva, que impede o escoamento dos produtos pelos agricultores. O solo é argiloso e as viaturas têm dificuldades de circular.





AUTORIDADE João Jacinto Diogo, soba grande do Zenza do Golungo

MORADORES PASSAM VÁRIAS DIFICULDADES

O caminho que dá acesso à aldeia do Zenza do Golungo é de terra batida. Neste período, os constrangimentos surgem por causa da chuva, que impede o escoamento dos produtos pelos agricultores. O solo é argiloso e as viaturas têm dificuldades de circular. Os camponeses atingem as áreas de cultivo, muitas vezes, a pé e, nestas condições, torna-se impossível recolher grandes quantidades de produtos.

"O caminho fica, muitas vezes, intransitável. O lamaçal é tanto e a situação piora quando o rio Zenza, que passa por ali, transborda, devido à enchente do seu leito", lamentou um aldeão.

À custa do aluguer de viaturas, vulgos candonqueiros, os camponeses consequem escoar os diversos produtos, a precos variados: uma caixa de tomate, 300 Kwanzas; saco de batata de 50 Kg, 400 a 500 Kz. Com chatas (pequenos barcos a remo), muitas vezes emprestadas, os camponeses chegam até ao local da produção e recolhem o que podem, para comercializar e levar os produtos para casa.

Os habitantes do Zenza do Golungo clamam por quase todos os serviços: posto de saúde, escola ou um destacamento policial, para melhor corresponder à densidade populacional na região. O Soba João Jacinto Diogo fez saber que o paludismo, doenças diarreicas agudas, febre tifóide, doenças respiratórias, entre outras, são as patologias mais frequentes, causadas, sobretudo, pelo consumo de água imprópria, proveniente da lagoa.

A região beneficia de água potável, embora, nesta altura, devido a uma avaria no sistema de captação da lagoa, o bairro esteja privado dela, disse a autoridade tradicional.

"Recentemente, responsáveis da Administração Comunal da Barra do Kwanza, acompanhados de técnicos do sector, deslocaram-se à região, para detectarem a avaria no sistema de captação de água. Temos água potável. Mas, devido a avaria no sistema, estamos a beber água bruta", lamentou.

A região do Zenza do Golungo não dispõe de escola. A alternativa que existe é uma explicação, relata o soba João Jacinto Diogo. "É uma estrutura improvisada, de pau-a-pique e coberta de capim".

As autoridades tradicionais apelam, por isso, às estruturas da Educação do município do Icolo e Bengo para a construção de escolas e o envio de professores, para garantir o ensino das criancas. A localidade necessita também de um destacamento policial, para fazer face ao índice de delinquência. Nos últimos tempos, a região está a transformar-se em refúgios de marginais, que fogem da perseguição policial.

"Aos poucos, a zona está a ser refúgio de delinquentes que fogem Luanda e de outras localidades", disse o soba, que defende, por outro lado, a reabilitação das vias de comunicação, bem como a aquisição de um gerador para iluminação pública.

A povoação necessita, igualmente, de sinais da telefonia móvel das duas operadoras, para permitir que a população esteja em contacto permanente.

TIRAR PROVEITO

Os moradores lançam um grito de socorro às autoridades, para o aproveitamento da riqueza gerada pela agricultura no Zenza do Golungo.

A região pode ajudar na diversificação da economia, com, por exemplo, a produção de manga, o que passa pela instalação de uma fábrica transformadora dos derivados da fruta e de outros cultivados.

"Com a manga, podemos produzir sumos, doces, geleias, compota. Já com o tomate, faz-se a polpa e massa. As farinhas de bombó e de milho também podem ser produzidas", esclareceu João Jacinto Diogo, soba grande. Acrescentou que os camponeses necessitam de meios marítimos, como barcos a motor, tractores, moto-bomba, catanas, enxadas, tubagens, sementes e viaturas, para escoar os produtos do campo para a cidade e fomentar o comércio.

A pesca é outra actividade em Zenza do Golungo e os que dela sobrevivem afirmam que precisam de aumentar a actividade piscatória. Segundo o soba João Jacinto Diogo, é capturada, diariamente, uma quantidade de pei xe que chega aos 300 quilogramas, de cacusso, mussolo e bagre.

"Ainda não tivemos apoio no domínio da pesca artesanal e desejamos que cada pescador, nos tempos das cheias ou não, possua material de pescas, como rede, barco, anzol, entre outros", manifestou. A população do Zenza do Golungo é oriunda das regiões do Cuanza Norte, Malanje, Cuanza Sul, Bengo e Luanda.. FM



RISCO Dezenas de canoas cortam a lagoa às primeiras horas, em viagens de ida e volta, que se prolongam até ao fim do dia.

FORMAÇÃO



AFONSO FERNANDES

O professor de Teatro Afonso Fernandes lecciona há quatro anos no ISARTE. Ele louva a existência de uma instituição deste nível em Luanda, embora "alguns cursos não tenham condições preparatórias para que arranquem.



SELTH MAINSEL QUER SER CANTORA

Selth Mainsel, estudante do II ano do curso de Música, soube, desde muito cedo, que tinha veia artística. Contava então com 15 anos de idade. Quando estava no ensino de base, fez parte de uma banda feminina, "As Bad Girls", e já não mais parou. Sonha tornar-se uma cantora de renome.



FORMAÇÃO



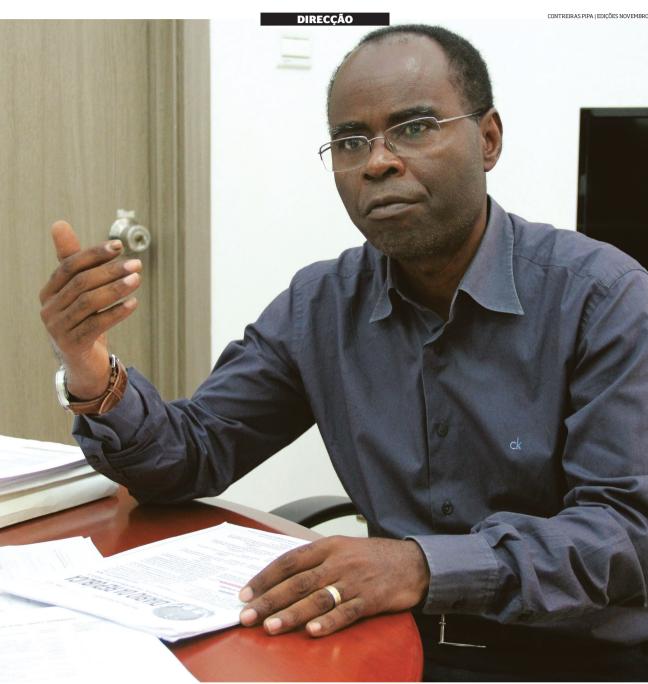
ISERT **CERCA DE 400 ALUNOS BUSCAM EXCELÊNCIA**

O ISARTE, primeira instituição de ensino superior na área de artes em Angola, existe desde Março de 2014. Com 395 estudantes o ISARTE tem quatro unidades fundamentais de ensino e investigação.



ELAINECAIOMBO ESTUDANTE DE TEATRO

"Estava a fazer um outro curso, numa outra universidade. Mas, quando me apercebi que o Instituto de Artes estava aberto e tinha o curso que eu quis seguir, não pensei duas vezes. Larguei o curso de Gestão e Marketing e me inscrevi no curso de representação", contou Elaine Caiombo.



META Jorge Gumbe, o director, diz que o ISARTE, forma criadores técnicos e administradores culturais de nível superior.

Manuela Mateus

arte é uma das formas do ser humano expressar sentimentos e emoções. Ela pode estar representada de diversas maneiras: pintura plástica, escultura, cinema, teatro, dança, música, arquitectura, entre outras. A arte pode bem enquadra-se no reflexo da cultura e da história, considerando os valores estéticos da beleza, do equilíbrio e da harmonia.

Em Luanda, encontramos diversos jovens talentosos e com dom para diversos as diferentes formas de arte. Mas, em muitos casos, para que estas virtudes desabrochem é necessária uma formação sólida. Estudar numa instituição de artes é a poção certa. No fim, a concretização de um sonho.

Um exemplo é Selth Mainsel, estudante do II ano do curso de Música, no Instituto Superior de Artes (ISAR-TE), localizado no Kilamba. Ela soube, desde muito cedo, que tinha veia artística. Tinha então 15 anos de idade. Quando estava no ensino de base, fez parte de uma banda feminina, "As Bad Girls" e já não mais parou. Sonha em tornar-se uma cantora de renome, em Luanda, e, quiçá, a nível nacional.

No ISARTE, Selth Mainsel começou logo no canto lírico. Ela já realizou o seu primeiro concerto na instituição. A jovem sente-se satisfeita pelo facto de existir em Luanda um instituto superior de artes, que dá voz e vez aos novos talentos.

O ISARTE, primeira instituição de ensino superior na área de artes em Angola, existe desde Março de 2014 e iniciou com apenas três licenciaturas. O Instituto tem quatro unidades fundamentais de ensino e investigação: Departamento de Artes Visuais, Departamento de Dança e Música, Departamento de Cinema e Teatro e o Centro de Investigação de Arte. Com um universo de 395 estudantes, escola tem professores especializados, sendo oito de nacionalidade cubana e 20 angolanos, que dão aulas teóricas e práticas. Para a área de Artes Visuais, são ministrados os cursos de Pintura, Escultura e Design de Moda. Na especialidade de Dança e Música, forma-se em Canto Lírico. No Cinema e no Teatro é ministrada a variante Actuação.

O director do ISARTE, Jorge Gumbe, disse que a instituição que dirige tem como objectivos formar criadores técnicos e administradores culturais de nível superior, nas diferentes áreas das artes e cultura, bem como incentivar, fomentar, desenvolver e aperfeiçoar as acções de investigação científica e tecnológica das artes.

A escola, ainda de acordo com o responsável, promove o pensamento crítico e autocrítico, o gosto pelo estudo, pela pesquisa e pelo trabalho permanente.

"A instituição tem como missão produzir e transmitir o conhecimento da cultura das artes de natureza profissional ao serviço do homem, através do ensino de investigação e de desenvolvimento experimental, contribuindo para a sua consolidação como referência nos planos nacionais e internacionais", frisou.

ALUNOS ATRÁS DA REALIZAÇÃO

Entre os 395 estudantes do ISARTE está também Elaine Caiombo, do III ano do curso de Teatro. Ela conta que a paixão pela arte nasceu há 22 anos, quando fazia encenações na igreja que frequentava. Ela fez parte de um grupo teatral, "Tua Futuca", e a seguir entrou para o grupo Horizonte Nzinga Mbande.

"Estava a fazer um outro curso, numa outra universidade. Mas quando me apercebi que o Instituto de Artes estava aberto e tinha o curso que eu quis seguir, não pensei duas vezes. Larguei o curso de Gestão e Marketing e me inscrevi no curso de representação", contou.

A estudante está satisfeita e felicita a iniciativa do Executivo em abrir o ISARTE. "Antes, tínhamos apenas a escola média de teatro, que andou fechada por um tempo, mas que já reabriu. Com a abertura do instituto superior, entendemos que estamos a evoluir. Estas instituições dãonos ferramentas que nos podem ajudar a crescer mais como profissionais", disse.

Embora estrato considerável da sociedade demore a valorizar a arte, Elaine Caiombo não desarma. Ela critica, inclusive, a falta de sensibilidade cultural de muitos populares, que "deviam ter um pouco mais de espírito teatral. Nós criamos os nossos produtos e precisamos expô-los. Para isso, tem de haver público. A sociedade precisa de se envolver mais nesses aspectos, porque cultura é arte", pediu.

A estudante é favorável à criação de mais espaços culturais. "Temos tido inúmeras dificuldades de representar, porque não temos salas próprias. Trabalhamos em salas adaptadas e muito delas não ajudam na representação", lamentou.

ENSAIAR A ARTE SEM CONDICÕES

O professor de Teatro Afonso Fernandes lecciona há quatro anos no ISARTE. Ele afirma que é de louvar a existência de uma instituição deste nível em Luanda, embora "alguns cursos não tenham condições preparatórias para que arranquem. De

"Estas instituições dão-nos ferramentas que nos podem ajudar a crescer mais como profissionais"

qualquer forma, os docentes e os estudantes são verdadeiros heróis e conseguem suprir estas pequenas dificuldades", considerou.

Professor de Actuação, Voz, Dicção e História de Teatro, Afonso Fernandes realça que um dos grandes objectivos do ISARTE é formar vários grupos teatrais.

O RIBALTA", um desses grupos, hoje esta a fazer a mostra dos conhecimentos que os estudantes estão a adquirir na nossa instituição. É a partir deste processo de amostra que vemos se esteve bem e se o público gostou, apesar de uma ou outra crítica, que ajuda a melhorar e a aprimorar. Porque as artes nunca têm um final e só desta forma nos sairemos bem", disse. Afonso Fernandes alerta ainda para a necessidade criação de espaço para as artes cénicas, porque entende que existe escassez de teatros em Luanda.

"As centralidades foram construídas, mas as pessoas de direito esqueceram-se do problema cultural. Não temos, por aqui, salas de cultura e isso nos dificulta na melhoria das artes cénicas. A pessoa faz o trabalho, mas não tem como divulgar o seu produto. Os actores precisam de um tas tem um campo para jogar. Precisamos não de lugares adaptados, mas de lugares convencionais, para atender à demanda dos amigos de teatro.", apelou.

O professor conta que tiveram que arranjar um palco adaptado, onde experimentam alguns problemas com acústica e com o palco.

"Tudo isso foi um esforço entre estudantes e a direcção, que teve a amabilidade de apoiar na construção deste palco, feito em 15 dias", observou.

SAÚDE

DURA TRÊS MESES PROCESSO FÁCIL

Para facilitar a vacinação dos grupos previstos, a campanha decorre nas unidades de saúde públicas e privadas e em áreas de maior fluxo populacional, como mercados, paragens de transportes públicos, escolas e centros recreativos.



CAMPANHA GOVERNO DA PROVÍNCIA APELA À PARTICIPAÇÃO

O Governo Provincial de Luanda apela a população a comperecer nos postos de vacinação previstos e realça que a campanha é gratuita e abrange crianças e mulheres em idade fértil, com idades compreendidas entre os 12 e os 49 anos.





PREVENÇÃO Munícipes responderam positivamente ao apelo para a imunização, acorrendo ao hospital do Capalanga, em Viana

Crianças e mulheres entregues à vacinação

Dentro de três meses, quando terminar a campanha, 75 mil crianças e 95 por cento das mulheres em idade fértil terão sido vacinadas, em Luanda

Mazarino da Cunha

ecília Mateus, 21 anos de idade estava alegre por considerar "ter ganho o dia". O seu filho acabava de ser vacinado contra o Sarampo, a Pólio e mais quatro vacinas que compõem a Pentavalente, todas elas eficazes para prevenir várias doenças.

Com o mesmo objectivo estavam à espera centenas de mães, com os seus petizes, na Escola Número 1539, do Capalanga, em Viana, onde decorreu, finalmente, o lançamento do Plano de "Intensificação da Vacinação de Rotina". O acto foi adiado por duas ocasiões, de segunda para terça e desta para quarta-feira, 8 de Novembro,

quando se consumou. Entre choros e gritos, pelo medo de apanhar a "pica", crianças com até cinco anos de idade, meninas acima dos 12 anos e mulheres com até 49 anos formaram longas filas, para serem vacinadas e imunizadas.

A jovem Cecília Mateus contou que se apercebeu do Plano de Vacinação três dias antes do lançamento, quando viu o espaço a ser organizado, por uma empresa de limpeza e saneamento. Com o filho ao colo, a jovem afirmou "estar alegre e considerou ter ganho o dia".

Com a duração de três meses, o Plano tem por objectivo aumentar o número de crianças vacinadas com a 3ª dose de pentavalente, completar a 2ª dose de vacina contra o sarampo e imunizar até 95 por cento as mulheres em idade fértil, com a va-

"A jovem Cecília
Mateus contou que se
apercebeu do Plano de
Vacinação três dias
antes do lançamento,
quando viu o espaço a
ser organizado, por
uma empresa de
limpeza e
saneamento"

cina de Toxóide Tetânico, ou seja, vacina contra o Tétano.

Este programa de rotina termina em Janeiro de 2018 e está a decorrer em espaços de concentração populacional, como escolas, creches, unidades de

saúde públicas e privadas, mercados, paragens de transportes, igrejas e centros recreativos.

Para o sucesso da campanha vacinação e imunização, a Direcção Provincial de Saúde de Luanda conta com a colaboração de todas as entidades públicas e privadas, Forças Armadas Angolanas, Polícia Nacional, Protecção Civil e Bombeiros, clínicas privadas e organizações da sociedade civil.

Ao acto de lançamento do Plano de "Intensificação da Vacinação de Rotina, estiveram presentes a vice-governadora para o sector Político e Social, Ana Paula Victor, o secretário de Estado da Saúde, Valentim Matias, a Directora Provincial de Saúde de Luanda, Rosa Bessa e os representantes da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da UNICEF.

Actualidade

ÉPOCA CHUVOSA

ACÇÕES VÃO PREVENIR DOENÇAS NO RANGEL

Os mercados do Tunga Ngó e do Rangel acolhem uma campanha de distribuição de cloro e de bactevite, virada à prevenção de doenças frequentes nesta época chuvosa, como é exemplo a malária. Em declarações à Angop, a chefe de repartição da saúde, Alzira Pinto, disse que estão a ser feitos trabalhos preventivos no Rangel, por apresentar graves problemas de saneamento básico. A responsável lembrou que, nesta época chuvosa, é importante combater as lavras de mosquitos, que feito elevar o número de casos de malária.

O Rangel é, segundo Alzira Pinto, o bairro que mais preocupa as autoridades sanitárias, por ter elevados casos de malária e doenças diarreicas. Por isso, acrescentou, é importante sensibilizar os munícipes para tratar da água que consomem e eliminar as águas estagnadas.

Alzira Pinto, que não adiantou números comparativos, disse que os centros de saúde do Zangado e do Rangel são os que mais atendem pacientes com malária. O distrito conta com três centros de saúde, nomeadamente, na Terra Nova, Rangel e Zangado. Com uma área estimada em 6,2 quilómetros quadrados e cerca de 261 mil habitantes, distribuído pelos bairros Rangel, Marçal e Terra Nova (sede distrital), o distrito esta limitado, a Oeste, pelo distrito da Ingombota, a Norte, pelo Sambizanga, a Este, pelo município do Cazenga, e, a Sul, pelo distrito da Maianga e do Neves Bendinha.



SANIDADE Rangel é preocupação

COMPORTAMENTO

Além dos homens definirem o que lhes fica bem, o barbeiro também tem uma palavra a dizer. À escovinha, normal ou cheio, dois tempos ou crista de galo, este último preferido por jovens, são os cortes mais comuns.



Um corte da preferência de pessoas com calvície (ajuda a escondê-la) é o cabelo rapado (careca). Também há o desenho ou meia-lua, além da francesinha, um corte usado pelos homens mais velhos, e do afro, que, nos anos 90, foi muito apreciado.



Barbearias: negociar com a vaidade masculina As casas para cortes de cabelo e barba abundam na capital, no que é, para muitos barbeiros, um negócio rentável, à custa da vaidade do cliente.

COMPORTAMENTO



EXTRAVAGÂNCIAS QUARESMA OU CRISTA DO GALO

No meio do tanta diversidade, também há o corte chamado Quaresma (futebolista português), também conhecido por crista de galo ou ainda moicano.



PERCENTAGENS SEM SALÁRIO ESTABELECIDO

Na barbearia nem sempre existe salário estabelecido. Tudo corre pela concessão de cadeiras e materiais aos profissionais que trabalham. No final do mês, têm uma percentagem do valor arrecadado.

Cristina da Silva

mercado ligado à beleza masculina tem crescido exponencialmente nos últimos tempos. Os homens andam cada vez mais vaidosos e preocupados com a aparência. Dai a existência de salões unissexo, de barbearias e outros lugares. A par da alimentação e do vestuário, o corte do cabelo aparece na lista das prioridades básicas masculinas. A preocupação com o cabelo vai muito além do homem moderno ou bem-sucedido. Todos procuram, de tempo em tempo, manter um "ar" agradável e uma aparência saudável. Entre as diferentes ofertas para cortes de cabelo ou da barba, importa o profissionalismo. Os salões unissexo e barbearias estão ai, para dar resposta a estas necessidades. De facto, as casas abrem-se, para prestar o devido servico. Umas mais completas que outras, atendendo à diversidade de serviços,

embora o propósito seja único: ajudar no visual do homem. Desde o cabelo à barba, unhas e até massagens personalizadas. Está última, quem dera, como dizem os homens, fosse em lugares somente para homens.

As barbearias estão espalhadas por quase todas as esquinas da capital. Até mesmo em zonas sem energia eléctrica ou água corrente, o negócio de barbear faz-se presente. A ousadia dos novos empreendedores merece aplausos, pois que, mesmo com poucos recursos, dão vida a este tipo de negócio, que envolve jovens e até adultos. Muitos homens dedicaram toda a sua juventude a tratar da barba e do cabelo de outros homens.

CLIENTES NÃO FALTAM

Na rua direita da Samba, próximo à Praia Amélia, está montada a "Barbearia da Esquina". O nome foi atribuído devido à sua localização. No pequeno espaço, de aproximadamente dois metros e meio, estão alguns jovens. O negócio é de Filipe Miguel e começou co-

mo brincadeira. Ele Gostava de cortar o cabelo aos amigos. Depois de concluir o ensino médio, e sem recursos para continuar os estudos, viu na barbearia a forma de ganhar algum dinheiro.

"Primeiro, junto à porta de casa, cortava o cabelo a amigos e não cobrava. Depois, em casa, já a cobrar, mas valores simbólicos. Tive a ideia de montar, na ponta da rua, em direcção à estrada principal, o meu negócio", contou Filipe Miguel, que fez da curiosidade um grande investimento.

Passados três anos, o negócio é uma referência para os moradores do bairro e não só. Por dia, o número de cliente vária entre cinco e oito. A barbearia é modesta. Neste momento, faz apenas trabalho de corte. Na rua Amílcar Cabra, está localizada uma das barbearias mais antigas de Luanda. A Londres Barbearia. O espaço comporta cinco cadeiras, divididas por dez barbeiros. Dada a adesão, as portas abrem as 5h30 da manhã.

"Temos clientes exclusivos. São pessoas que actualmente vivem muito dis-

tante e que chegam à baixa muito cedo. Neste período, temos sempre um barbeiro disponível para atender os primeiros", explicou David Pedro, barbeiro há 18 anos.

O profissional disse que aprendeu o ofício no espaço onde até aos dias de hoje permanece a Barbearia Londres. "São 18 anos de casa", disse, orgulhoso, David Pedro, que é um dos responsáveis do lugar.

Ao lado de David, encontramos o senhor Manuel, o mais antigo barbeiro da casa. Bastante tímido, senhor Manuel considera a sua profissão boa, apesar de, nos últimos tempos, reduzir o número de clientes. "Atendíamos, por dia, entre 30 a 40 pessoas. Actualmente, passam por cá 15 ou 20", apontou, para acrescentar que ainda assim remedeia-se. Senhor Manuel

atribui a excelência do negócio ao bom desempenho profissional, sintonizado com as tendências definidas pelos padrões de corte. "Só precisamos ser mais profissionais, ajudar o cliente a se apresentarem melhor", esclarece.

CADEIRA E VENCIMENTOS CONSERTADOS

Em alguns casos, no negócio da barbearia não existe salário estabelecido. Tudo corre pela concessão de cadeiras e materiais aos profissionais que trabalham e, no final de cada mês, estes ficam com percentagem do valor arrecadado. Na Barbearia Londres, por exemplo, os horários vão das 5h30 até às 20h00, de segunda a sexta, divididos em dois turnos. Sábados, domingos e feridos funciona das 8h00 às 15h00.

A MODA E OS CLÁSSICOS

Os cortes de cabelos são muitas vezes associados à moda. As inspirações vêem de várias épocas. Além dos homens definirem o que lhes fica bem, o barbeiro também tem uma palavra a dizer.

À escovinha, normal ou cheio, dois tempos ou crista de galo, este último preferido por jovens, são os cortes mais comuns. A estes juntam-se ainda o cabelo rapado (careca), desenho ou meia-lua, além da francesinha, um corte usado pelos homens mais velhos, e do afro, que, nosanos 90, foi muito apreciado.

André Chipita é daqueles que não mede distância. Na altura em que reportávamos este facto, ele completava 15 anos a cortar o cabelo com os mesmos barbeiros.

"Sempre cortei com eles. E mesmo quando resolveram mudar de lugar, sempre os acompanhei", disse. Antes, o funcionário público vivia na baixa da cidade.

Actualmente a residir na centralidade do Kilamba, não consegue sequer deixar os "amigos" por nada. "Aqui, já é como estar casa. Estão homens adultos, com conversa saudável e mais formal", contou André, visivelmente satisfeito.

Apesar de existirem vários estilos, André Chipita optou pelo corte clássico, que definiu desde muito jovem e o mantématé hoje. "O corte de cabelo tem muito a ver com a personalidade de cada um. É o que dá charme", considerou. Por isso, não tem dúvidas. Por ser conservador, opta por este corte.

No corte clássico, normalmente, utiliza-se a máquina para diminuir o volume do cabelo, tesoura para endireitar as pontas e, por fim, lâmina, para alinhar o corte nas laterais da cabeca.

No meio do tanta diversidade, também há o corte chamado Quaresma (futebolista português), também conhecido por crista de galo. Jorge Rita mora na Praia do Bispo e corta o cabelo na baixa de Luanda. Ele contou que, apesar de existir várias barbearias no bairro, a Londres é a sua preferida

"Aqui, tenho os meus barbeiros que conhecem melhor a minha cabeça e o tipo de corte que me fica bem", disse. Jorge tem a escovinha como o penteado predilecto. **cs**



CONFIANÇA Clientes são fieis a barbearias e a barbeiros, por corresponderem sempre às expectativas nos cortes

OPORTUNIDADE PARA MULHERES

Enganam-se aqueles que pensam que o negócio de gerir barbearias é dominado por homens. Das poucas que visitámos, na urbe, a maior parte é gerida por mulheres, embora não sejam elas que executam os cortes de cabelo. Ainda assim, funcionários e clientes reconhecem-lhes respeito pelo negócio.

Cleide Samora diz ser empreendedora e que sempre gostou de trabalhar com homens. Ela conta que, no início do projcto, não tinha certeza da repercursão que atingiria. Passados quatro anos, dos poucos negócios que possui, a barbearia é a que mais "graças" lhe dá. Neste momento, tem oi-

to empregados, seis deles barbeiros. "Trabalhamos todos os dias da semana. Até no feriado", contou.

Cleide Samora disse que a beleza masculina continua em alta. "Pensamos trazer, nos próximos tempos, para o nosso mercado, as novas tendências. Neste momento, só cortamos e lavamos o cabelo. Gostaríamos de estender os serviços para unhas e massagens, se não mesmo um bar", disse. Para a empreendedora, é importante emprestar cada vez mais excelência ao atendimento e criar um ambiente confortável para os homens.



MIRIAM CARLOS MAIS COMPETÊNCIA

"Hoje, considero-me uma profissional no ramo, com mais competência e habilidades, para lidar com qualquer situação que possa ocorrer ou até resolver uma exigência do cliente", destacou a jovem, que também fez formação em artes florais.



FLORES DE PAPEL

Funcionária da empresa, Linda Pedro, que também beneficiou de um curso de florista, durante dois meses, aprendeu a fabricar flores de papel. A formação deu-lhe ferramentas que hoje lhe permitem desempenhar a sua função com êxito.

EMPREENDEDORISMO

Fábrica de flores cresce às mãos de jovens

Pequeno negócio emprega vinte pessoas e presta serviços de preparação de cestas para pequeno-almoço ou para pedidos e casamentos

João Pedro

¶eresa da Piedade entrou para a lista de jovens empreendedores, quando, por iniciativa individual, criou a DDPO (SU) LDA e empregou mais de 20 pessoas. Sediada em Luanda, a empresa é uma recente prestadora de serviços, que se dedica ao fabrico de flores de papel, preparação de cestas para pequenoalmoço ou para pedidos e casamentos, buquês para noivas e coroas de

A empreendedora aproveitou a abertura que o Executivo angolano deu aos jovens, no sentido de criarem pequenas e médias empresas geradoras de rendimento e assim promoverem o auto emprego e a contratação de terceiros.

A jovem, que se tornou empreendedora por agarrar "com as duas mãos" a oportunidade que lhe foi dada, aconselhou os outros jovens a não desanimar e a acreditar nas suas capacidades de realização, para ajudarem, assim, a diversificação da economia e a criação de postos de trabalho, garantindo a estabilidade social.

"Com a criação deste empreendimento, queremos contribuir para a construção de um ambiente estimulador, no seio dos jovens, que deverão assumir compromisso e responsabilidade no trabalho", frisou Teresa da Piedade, dando ênfase a todos os trabalhadores que se têm dedicado afincadamente.

Sobre os produtos que comercializa, Teresa da Piedade garantiu que ela e a equipa que dirige tudo fazem para oferecer aos clientes um produto final com de qualidade e com a estampa "Feito em Angola".

A falta de recursos financeiros, derivada da crise internacional, que também afectou o Angola, aguçou a veia empreendedora de Teresa, de tal modo que a DDPO também investe no ramo de terceirização de serviços, o como de aluguer de mesas para eventos, serviço de bar e entrega ao domicílio de arranjos de forais e cestas com pequeno-almoço.

JOVENS APOSTAM NA FORMAÇÃO

Miriam Carlos é florista. Ganhou emprego na DDPO. Antes, fez formação em artes florais, por sete meses. Nas aulas, aprendeu técnicas necessárias para se tornar especialista no ramo. A florista contou que aprendeu a fazer arranjos de flores para decoração e o arranjo de noiva e flores para igrejas e santuários. Também sabe analisar cada tipo de evento, melhor atender o cliente, combinar as cores, decorar casas, apartamentos e jardins. Cria buquês, espumas florais e decorações especiais, além de organizar casamentos e fazer coroas fúnebres.

"Hoje, considero-me uma profissional no ramo, com mais competência e habilidades, para lidar com qualquer situação que possa ocorrer ou uma exigência do cliente", destacou.

Por sua vez, Linda Pedro, que também beneficiou de um curso de florista, durante dois meses, aprendeu a fabricar flores de papel. A formação deulhe ferramentas que hoje lhe permitem desempenhar a função com êxito.

Na estrutura da empresa DDPO (SU) LDA, a recepcionista, Susana Caveidio, é um elemento indispensável. O primeiro contacto do cliente, seja pessoalmente ou por telefone, é uma das suas atribuições.

"Todas as indicações aos clientes, tais como o endereço da loja, as explicações detalhadas sobre os produtos, são da minha responsabilidade", garantiu Susana Caveidio. Acrescentou que, no local, há produtos para todos os bolsos e que os preços variam entre cinco mil e 100 mil Kwanzas.



APOSTA O pequeno empreendimento de Teresa da Piedade empregou vinte jovens

LUISA FRANÇONY **ERGUE TROFÉU**

A radialista e actual directora da rádio Luanda Antena Comercial (LAC) foi a vencedora da edição 2017 do Prémio Nacional de Cultura e Artes, na categoria de Jornalismo Cultural. Luísa Françony é apresentadora dos programas "Reencontrar África" e "Afrikiya".



MUSICA OARTÍFICE CARLOS LAMARTINE

O cantor e compositor Carlos Lamartine recebeu o galardão, do Prémio Nacional de Cultura e Arte de 2017, na categoria de Música. Lamartine foi premiado por fazer parte dos grandes artífices da música nacional, enriquecendo e valorizando a música angolana.



EVENTOS



LITERATURA Romance tem duas histórias

MENDONÇA APRESENTA "O REINO DAS CASUARINAS"

O primeiro romance de José Luís Mendonça, "O Reino das Casuarinas", é apresentado amanhã, no Centro Cultural Português, numa parceria com a Leya/Texto Editores. O romance, publicado, originariamente, em português, pela Caminho e Texto Editores, do Grupo Leya, foi lançado, primeiro, em Lisboa.



MÚSICA Grupo autografa "Libertuz"

ZONA 5 TRAZ NOVA OBRA DISCOGRÁFICA

O grupo angolano de Rap e Hip Hop Zona 5 vende e autografa, nos próximos dias 18 e 19 de Novembro, em Luanda, o seu mais recente álbum, intitulado 'Libertuz'. Com o carimbo 'Banzelos Nation', a obra é apresentada na Praça da Independência e no Shopping Avennida, respectivamente.

POESIA NO FEMININO

A entrega dos trabalhos concorrentes ao prémio de poesia no feminino, denominado "Bouquet de Rosas para Ti", deve ser feita até ao dia 30 de Novembro. O concurso, que visa incentivar a produção de obras literárias femininas, nacionais e estrangeiras, vai galardoar três obras inéditas de poesia, que não tenham sido premiadas em nenhum outro evento.

Os prémios do concurso, que homenageia Maria Eugenia Neto, são entregues no dia 08 de Março de 2018.

ARTES VISUAIS

Mesquita ganha pela criatividade

O artista plástico Horácio da Mesquita é o vencedor da categoria de "Artes Visuais e Plástica", do Prémio Nacional de Cultura e Artes. Dá Mesquita foi premiado pelo pendor investigativo e criatividade, que ressaltou na última exposição individual sobre cerâmica artística, realizada no Museu da Moeda, denominada "O Kwanza na Arte da Cerâmica".

A elevação ao maior Prémio Nacional de Cultura deve-se também ao conjunto da obra que tem desenvolvido há mais de 40 anos, com bastante brio, argúcia e perícia, no qual as actividades plásticas se completam nos domínios do desenho e pintura, cerâmica e filatelia, contribuído, qualitati-

vamente, como estímulo às novas gerações de artistas para o desenvolvimento do sector.

Conhecido como ilustrador da moeda nacional, Horácio da Mesquita apresenta, nos seus trabalhos, peças em diversas técnicas de fabricação e com distintos elementos decorativos, geométricos e figurativos. Símbolos nacionais, como, por exemplo, Mwana Pwó, máscara da cultura



QUOTIDIANO



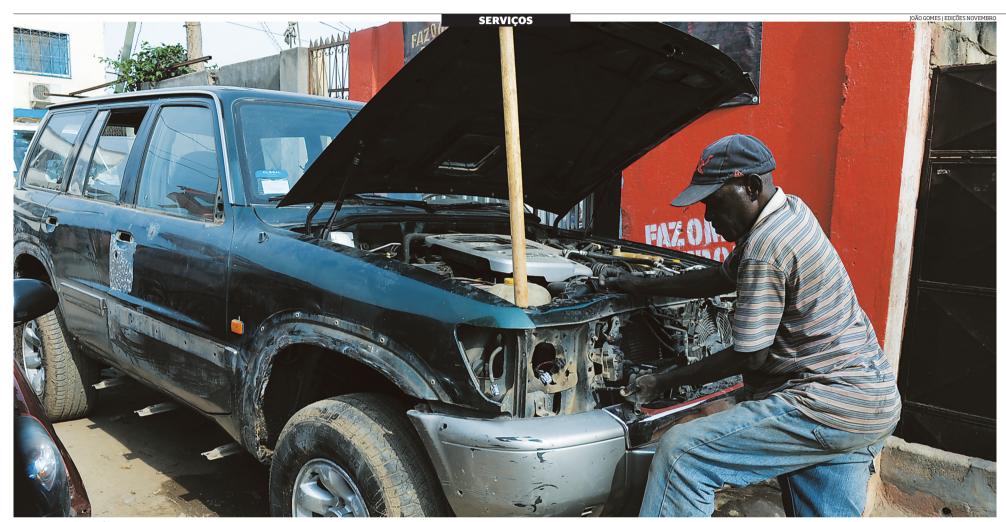
FALTA FISCALIZAÇÃO LABOR À MARGEM DA LEI

Em muitas destas oficinas, o proprietário sequer paga os impostos e nem por isso sente o incómodo que é a visita da fiscalização. Apesar de estarem instaladas em espaços abertos e desrespeitarem normas de segurança, que ajudariam a prevenir acidentes de trabalho e não só, as oficinas estão aí, em pleno labor .



AUGUSTO MANUEL O CRÉDITO PODE AJUDAR

"É na rua, onde concertamos vários automóveis e com muito sucesso. Com esse trabalho, conseguimos juntar algum dinheiro", afirma Augusto Manuel, mecânico. O jovem também é a favor da concessão de crédito, pelos bancos, para que se acabe com as oficinas de rua.



Alternativa Mestres não têm mãos a medir, num mercado de algum modo informal, ao qual recorrem clientes sem recursos para ir a uma concessionária

Oficinas a céu aberto ao virar de cada esquina

Em Luanda, abundam espaços a céu aberto usados para a reparação de viaturas, sendo que, muitos casos, não pagam impostos e ainda transtornam moradores.

Mazarino da Cunha

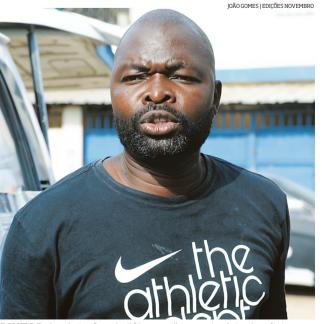
sol estava ardente, tão ardente que obrigava a que transeuntes procurassem por um lugar com alguma sombra. O incómodo era de mais. Contudo, indiferentes ao calor que se fazia sentir, estavam jovens aprendizes de mecânica, electricidade e pintura, na oficina a céu aberto localizada próximo ao "Prédio Sujo", no Marçal. No espaço encontravam-se, igualmente, os chamados mestres, denominação conseguida à custa de vários anos na actividade. São eles, afinal, os responsáveis pela transmissão dos conhecimentos técnicos.

Homens de chaves de fenda em riste, maçaricos acesos, prontos para soldar, pistolas para pintar e martelos a bater descompassadamente sobre chassis.

Era o ambiente de trabalho neste espaco descampado, usado para a reparação de viaturas. A oficina ocupa parte de uma rua de terra batida e de um quintal, usado para trabalhos de pintura.

António Canda, mais conhecido por Changai, é o proprietário. Ele conta que a oficina, que é legal, foi transferida para este novo espaço. "Antes, esteve instalada num lugar apropriado, na antiga fábrica da Macambira, no bairro Vila Alice", distrito urbano do Rangel.

Como à de Changai, inúmeras outras oficinas nas mesmas condições abundam em Luanda. Em muitas delas, sequer o proprietário paga os impostos e nem por isso sente o incómodo que são as visitas da fiscalização. Apesar de estarem instaladas em espaços abertos e desrespeitarem normas de segurança, que ajudariam a prevenir acidentes de trabalho, as oficinas estão ai, em pleno labor, e oferecem vários serviços.



PINTOR António Canda "Changai", proprietário de oficina

Clientes sem recursos para pagar concessionárias ou outras oficinas modernas recorrem aos serviços destes espaços a céu aberto, para trabalhos de mecânica, electricidade, soldadura, bate-chapa ou pintura. Muitos desses servicos são feitos por jovens, com menos de 25 anos. Mas há, também, profissionais na casa dos 60.

Difícil é encontrar, em Luanda, um bairro que não tenha uma dessas oficinas. Da Ilha ao Bairro Operário ou Marçal, do Benfica a Cacuaco ou Viana, há pelo menos um desses espaços para a reparação de carros.

Changai, 38 anos, conseguiu criar o pequeno ofício com o dinheiro que ganhava como ajudante, na década de 90. "Antes, passava o dia à procura de uma oportunidade para tirar coisas alheias. Graças à minha mãe, que muito cedo obrigou-me a aprender uma profissão, estou aqui", disse.



"MESTRES"

OFERTA ESTENDE-SE POR TODA A PROVINCIA

Difícil é encontrar, na província de Luanda, um bairro que não tenha uma dessas oficinas. Da Ilha ao Bairro Operário ou Marçal, do Benfica a Cacuaco ou Viana, há pelo menos um desses espaços para a reparação de carros.



SEM CONDIÇÕES

Muitas destas oficinas ocupam parte de ruas, sendo a área interior usada para trabalhos de pintura, ainda assim, sem a qualidade desejada, porque não tem cobertura, nem a devida protecção. Não poucas vezes, alguns "profissionais" trabalham sob sol ardente.

Pintor de profissão há mais de 22 anos, ele aponta a falta de dinheiro e de incentivos, por parte das entidades de direito, e a crise financeira que o país atravessa, como estando na base da ocupação das ruas para a actividade de mecânica, bate-chapa e soldadura.

A solução do problema, na visão do pintor, passa pela criação de políticas para o acesso ao crédito bancário. "O crédito permitirá organizar técnica e profissional as oficinas e pagar os impostos à administração", sugeriu.

DIFICULDADES

A escassez de clientes, mesmo em oficinas a céu aberto, é uma realidade, também potenciada pela falta de dinheiro. Por isso, estas prestadoras de serviços vêem-se cada vez mais em dificuldades, como diz António Canda "Changai".

Entre os 12 trabalhadores efectivos na oficina de Changai está o bate-chapa Francisco Zua, 58 anos, 25 dos quais na profissão. Ele diz que não tem sido fácil trabalhar nestas condições. "Mas é o que há e é preciso manter o apoio à família", disse, resignado.

PERIGOS VÁRIOS À ESPREITA

No bairro do Zangado, distrito do Rangel, uma oficina, instalada ao lado de um supermercado, alberga cerca de dez jovens, que trabalham nas áreas de pintura, mecânica, bate-chapa e electricidade. Entre eles, encontra-se Augusto Manuel, que falou sobre os riscos que são para a saúde, trabalhar nestes espaços.

"A exposição ao sol, a elevada temperatura térmica, em horas de ponta, a poeira e a utilização de aparelhos obsoletos", citou o jovem. Mesmo assim,

Augusto Manuel não tem como parar. "É na rua, onde concertamos vários automóveis e com muito sucesso. Com esse trabalho, conseguimos juntar algum dinheiro". Ele também é a favor da concessão de crédito, para que se acabe com as oficinas de rua.

"Nós precisamos de crédito bancário, para desenvolvermos as nossas oficinas. Espero que o Governo tome decisões para a juventude", pediu.

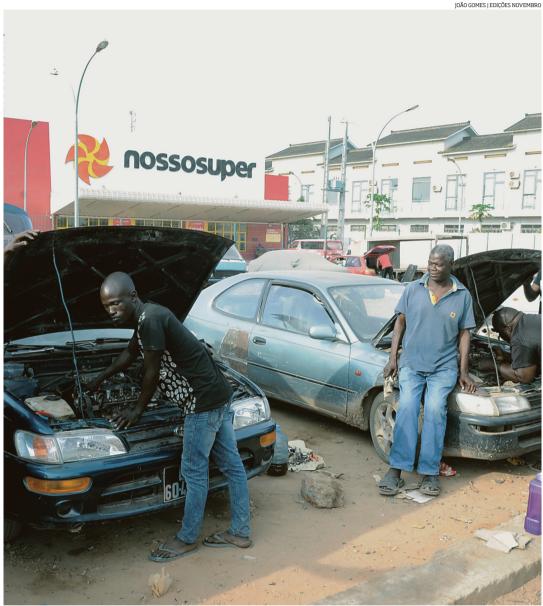
Não muito distante da oficina onde trabalhava Augusto Manuel, há outra, cujo responsável é o mestre David Paxe, bate-chapa de profissão. Diz que não é sua vontade instalar a oficina em lugares inadequados.

"Nós almejamos um espaço apropriado. Mas as condições financeiras não nos permitem atingir essas metas", explicou. Além dos riscos que diz correrem, enquanto técnicos, ele salienta outros problemas.

"Por exemplo, o desaparecimento de acessórios externos, a danificação da chaparia e pintura de viaturas e a falta de segurança de todo o equipamento", detalhou.

Qualquer actividade profissional acarreta riscos, quer para os homens, quer para os meios, como o reconhece Marcos José, agente da Polícia Nacional e cliente de uma dessas oficinas.

Ele é de opinião que o surgimento de oficinas em espaços abertos acarreta benefícios e riscos. "Entre os beneficio, está a negociação dos preços e o pagamento do trabalho em parcelas. Sobre os riscos, existem vários. A falta de um segurança, de seguro, para o caso de incêndio, entre outros", apontou. Marco José é, entretanto, favorável ao serviço prestado.



IRREGULARIDADES Espaços onde são reparadas viaturas não atendem a determinadas exigências



TRANSTORNOS Em muitos casos, estas oficinas dificultam o trânsito e o quotidiano de moradores

MEU BEM, MEU MAL

Bem no coração do bairro do Cassenda, um largo acolhe viaturas para reparação. No chão, as marcas do trabalho de mecânicos é visível, pois restam vestígios de óleo de motor. Os transtornos causados pela acção de quem tem no espaço o seu 'ganha-pão" não são apenas para moradores. Motoristas que usam o largo para passagem queixam-se das dificuldades.

"Agora, a situação até está um pouco calma, porque muitos dos que fazem disso uma oficina já deixaram de trabalhar aqui. Houve tempo em que não se conseguia passar", queixou-se um automobilista.

Próximo ao largo, há uma oficina, cujo quintal é reduzido. Para contornar a falta de espaço, a gerência optou por deixar alguns carros na rua, que, por acaso, é muito movimentada, pois vai dar à do Laboratório de

Engenharia e à rotunda do Cassenda. Daqui, os carros espalham-se para o aeroporto e às avenidas Revolução de Outubro, rumo à Samba ou Mutamba, e Ho-Chi-Minh, em direcção do Largo da Independência.

Entretanto, Dionísio António, que mora próximo à oficina do Marçal, não vive qualquer transtorno. Desde a instalação daquela na rua, nunca enfrentou embaraço algum, tampouco os moradores ou os automobilistas que usam a via.

Pelo contrário, Dionísio António garante que a oficina tem facilitado, em muitas ocasiões, a vida aos moradores, sobretudo em época chuvosa.

"As pequenas avarias que os nossos carros têm apresentado recebem assistência técnica grátis. Portanto, a oficina é uma valia para nós, os moradores", explicou.

DESPORTO



FRUTOS MILTON BARROS LA ESTA

Leonel Paulo e Milton Barros estão entre os atletas de sucesso formados pelo Vila Clotilde. Mário Octávio, um dos principais expoentes do basquetebol pósindependência, Luís Santos "Gica", Batalha, Mário Rocha, Nelson Costa, entre outros, também são parte da história.



MAISFIGURAS RAŬL DUARTE E COVILHĀ

Raúl Duarte e Jaime Covilhã, hoje treinadores com créditos firmados, também começaram a modalidade no clube do bairro do Maculusso. Ambos deram, igualmente, "cartas", enquanto atletas. Mas muitos outros jogadores começaram a pratica desportiva no Vila e o ajudaram a crescer.



Perdas A cedência de atletas a outros clubes nem sempre é vantajosa para a agremiação do Vila Clotilde, como se queixa o secretário-geral

A contínua aposta do Vila Clotilde na formação

Duzentas crianças, de ambos os sexos, aprendem os fundamentos do basquetebol, karaté e esgrima, no clube do bairro Maculusso.

Teresa Luís

ciência tem mostrado que a prática da actividade física regular é garantia de saúde e que, quando executada desde cedo, pode optimizar o desenvolvimento físico e cognitivo, o que contribui para o crescimento saudável e bons resultados na aprendizagem.

Nesta base, a 25 de Março de 1953, foi fundado, em Luanda, o FC Vila Clotilde, na altura filiado ao FC Barreirense de Portugal. A formação do bairro Maculusso é, actualmente, presidida por Carlos Ferreira.

No clube, 200 crianças, de ambos os sexos, aprendem os fundamentos do basquetebol, karaté e esgrima. Logo à entrada ao recinto de treino, é pos-

sível perceber o ruído dos petizes, que trabalham sob o olhar atento de Fernando Sousa, secretário-geral do clube. A nossa presença é ignorada, dado o empenho das crianças em marcar pontos no cesto contrário. Minutos depois, interrompemos o a preparação, para saber um pouco mais sobre a agremiação, por sinal, uma das mais antigas da capital angolana, com 64 anos.

O surgimento do FC Vila Clotilde está relacionado com as distintas famílias que viviam naquela zona do Maculusso, ainda na época colonial. Entre estas, destaca-se a Rabassa e nomes como António Silva e Rui Gonçalves, agora sem qualquer vínculo com a agremiação.

Na época, integrar o clube era um modo de associativismo. Uma pequena sala de cinema um bar onde sócios conviviam, e a quotização eram as prin-



DIRECÇÃO Fernando Sousa, secretário-geral do clube

cipais fontes de receita. Grande parte dos moradores da área eram sócios do clube. Com a independência, em 1975, as pessoas associadas abandonaram o país e outras se tornaram moradores da Vila Clotilde, embora não se identificassem com a agremiação. A situação contribuiu, posteriormente, para os momentos difíceis que o clube viveu, termos financeiros.

Actualmente, duas salas de direcção, uma de ginásio (basquetebol, esgrima e karaté), escritório, dois balneários, um campo de jogos e uma pequena sala com dois beliches completam a estrutura do clube. O Vila emprega 16 pessoas, entre treinadores, fisioterapeutas, médico, pessoal administrativo e motorista. Mensalmente, são gastos cerca de um milhão e 500 mil kwanzas, com o pagamento de salários, manutenção do imóvel e custos com a arbitragem.



JUNIORES CAMPEÃO DURANTE NOVE ÉPOCAS SEGUIDAS

O clube sempre apostou na formação e prova disso é que, durante nove anos consecutivos, foi campeão masculino de basquetebol, em juniores, lembra Fernando Sousa, secretário-geral e director para o basquetebol.



A PARTIR DOS 5 ANOS COMEÇAR MUITO CEDO

O Vila recebe crianças, a partir dos cinco anos, das diferentes zonas da capital, com destaque para o Cruzeiro, Bairro Operário, Maianga, Bairro Popular, Sambizanga, Cazenga, Viana, Marçal e Vila Alice. O clube orgulha-se de ter formado bons atletas e homens.

FUTEBOL, NO PONTAPÉ DA SAÍDA

Inicialmente, o futebol era a única modalidade. A seguir, foi implementado o hóquei em patins, durante dois anos, e, posteriormente, criada a secção de basquetebol, cujo impulsionador foi Fernando Simões. Hoje, a "bola ao cesto" é o deporto rei do FC Vila Clotilde.

O Vila recebe crianças, a partir dos cinco anos, das diferentes zonas da capital, com destaque para o Cruzeiro, Bairro Operário, Maianga, Bairro Popular, Sambizanga, Cazenga, Viana, Marcal e Vila Alice. Herdeira de uma história que dura 64 anos, a actual direcção do clube orgulhase de ter formado bons atletas e homens para a sociedade, entre eles médicos, prora só citar alguns, começaram a prática desportiva no Vila. O clube sempre apostou na formação e prova disso é que, durante nove anos consecutivos, foi campeão masculino de basquetebol, em juniores, lembra Fernando Sousa, secretário-geral e director para o basquetebol. Em duas ocasiões, o Vila conquistou o título em Portugal.

À época, a par de Mocambique, participava num torneio no país europeu.

"Apesar das dificuldades financeiras, continuamos a trabalhar. Formar jovens é a nossa razão de existir, embora a realidade actual seja muito difícil. Lutamos para ter as portas abertas, fazer desporto, tirar crianças da rua e criar bons háde pagar salários, devido às já citadas condições financeiras. Como contrapartida, oferece bolsas de estudo aos atletas. O arrendamento de parte da estrutura, o pagamento de quotas e a ajuda dos amigos constitui a fonte de receita. "Precisamos de mais apoios. Basicamente, vivemos da boa vontade dos amigos. Felizmente, conseguimos criar uma boa imagem na sociedade e, fruto disso, contamos com o apoio de pessoas que se identificam com a nossa causa". realcou Fernando Sousa. Em termos desportivos, nos escalões

de formação, a equipa é muito pro-

missora, segundo o res-

subsequentes. "Na presente época, só ficamos com quatro atletas. Quando os jogadores são cedidos, tirando algumas excepções, não há contrapartida financeira para o Vila", lamentou. Sousa explicou ainda que o FC Vila Clotilde mantém uma boa relação com os outros clubes e destacou a ligação com o Interclube. "A participação no Campeonato Nacional Sénior Masculino de Basquetebol é resultado do acordo mantido com a formação da polícia. Cedemos alguns jogadores e o Interclube disponibiliza o campo. De contrário, seria muito difícil a nossa participação". Sobre as perspectivas para o futuro do Vila, Fernando Sousa foi peremptório: "Seremos aquilo que os sócios, sociedade civil e Governo Provincial de Luanda quiserem. Enquanto tivermos sócios e vontade de formar jovens, estaremos aqui com a mesma determinação e disponibilidade", rematou.



LIMITAÇÕES No escalão sénior, o Vila está impossibilitado de pagar salários, devido às difíceis condições financeiras, e resiste graças a um protocolo com o Interclube





Há nomes complexos ou, se assim podemos chamar, problemáticos, que, logo no princípio, indeferimos. Nomes com significados pejorativos ou ofensivos: Diabo, Feio, Amaldiçoado, Azarado, Andgrafe, Andgrace, etc.

ARISTIDES AHMED MARQUES,

CONSERVADOR



CALEMBA II FAMÍLIAS EM MUDANÇA

As famílias residentes no bairro Calemba II, no distrito do Nova Vida, deverão ser realojadas no Zango IV, no primeiro semestre de 2018. As mais de 300 famílias, que vivem em condições precárias, vão beneficiar de casas de

alvenaria evolutivas.



SOLIDARIEDADE

Pelos braços de Fátima, ajudem!

A onda de solidariedade para com Fátima Manuel demora a ganhar a forma desejada. Vítima de amputação de mais de 50 por cento os dois braços, a menina de 14 anos continua a clamar por ajuda, para receber tratamento médico que lhe devolva a mobilidade nos membros superiores.

Lúcia Manuel, tia e madrinha de Fátima, disse ao Luanda Jornal Metropolitano que a família está, incessantemente, à procura de apoios para que a menina venha a ser assistida, clinicamente, no estrangeiro.

A Policia Nacional, de acordo com Lúcia Manuel, também abraçou a causa de Fátima e, recentemente, prometeu encetar contactos com outras instituições, para o apoio almejado.

Assim, a menina deu uma entrevistada à TPA, na qual fez, na primeira pessoa, um apelo à ajuda. Ao mesmo tempo, uma empresa estrangeira ga-

rantiu compra do bilhete de passagem para Fátima Manuel, tão logo as condições para a viagem estejam reunidas.

Até quinta-feira, 9 de Novembro, Fátima e família apenas tinham muitas promessas e quase nada concretizado. A seguradora Mundial Seguros, na qual a viatura que causou o acidente está segurada, "prometeu depositar o equivalente a sete mil dólares, mas ainda não o fez", explicou Lúcia Manuel.

Na edição anterior do Luanda Jornal Metropolitano, demos as coordenadas para quem estivesse interessado em ajudar a menina. Acreditando que terá escapado a muita gente, dai que publicamos, uma vez mais, o número do telefone de Lúcia Manuel: 923 28 59 62.

Fátima Manuel, a menina que tem como desejo os seus braços de volta, foi atropelada no passado dia 23 de Setembro, em Viana.



ANGÚSTIA Apoios faltam para ajudar no tratamento da pequena Fátima

ENSINO

Escolas ganham laboratórios

Pelo menos 117 laboratórios serão montados em escolas, no próximo ano lectivo, em todo o país, para servir o ensino Secundário, Geral e o Técnico-Profissional, nas especialidades de Física, Química, Biologia e Informática.

De acordo com a directora nacional do Ensino Técnico Profissional, Maria Julieta de Menezes Octávio, citada pela Angop, três laboratórios foram já montados, na escola Alda Lara, para Física e Química, e no Instituto Médio de Economia de Luanda, para Informática.

Segundo a responsável, o objectivo é apetrechar as escolas secundárias e assim melhorar a componente teórico-prática do processo de ensino e aprendizagem.



ESTUDOS Meios facilitam pesquisas

Resenha da Semana

COOPERAÇÃO

LUANDA CONTA COM O APOIO DA GRÃ-BRETANHA

O Governo de Luanda tem garantias de apoio da Grã-Breanha, para a construção de escolas, hospitais, estações de comboios e outras infra-estruturas.

De acordo com a Angop, a disponibilidade foi manifestada pela baronesa da Grã-Bretanha, Lindsay Northover, no final de um encontro com o governador de Luanda, Adriano Mendes de Carvalho.

De acordo com a diplomata, a reunião foi interessante, na medida em que serviu, também, para obter informação sobre os planos do Governo, para melhorar a capital do país. "Tomei conhecimento da necessidade de se melhorar a qualidade de vida dos angolanos, em particular os de Luanda, e que há empresas britânicas a trabalhar nesse sentido", disse.

À saída da reunião, que decorreu na sede do Governo de Luanda, no último dia seis, Lindsy Northover referiu que um dos contributos do Reino Unido tem a ver com a formação de quadros, em várias áreas do saber. Particularizou que dezenas deles estarão, em breve, de regresso ao país, para colocar em prática os conhecimentos adquiridos.

Adriano Mendes de Carvalho, governador provincial de Luanda, disse, por seu lado, ter sido um encontro de cortesia, no qual foram abordados assuntos de carácter social e outras questões estruturantes, como o tráfego rodoviário.

EDUCAÇÃO

MATRÍCULAS E CONFIRMAÇÃO GRATUITAS NO PRÓXIMO ANO

As matrículas e a confirmação de matrículas, em Luanda, serão gratuitas nas escolas públicas, no próximo ano lectivo.

O anúncio da medida foi feito pelo director do Gabinete de Educação, André Soma, em entrevista à Televisão Pública de Angola (TPA).

O responsável confirmou que, em todas as escolas do ensino primário, I e II ciclos, está proibida a cobrança de valores monetários. A orientação estende-se aos actos de inscrição, nas instituições de ensino médio-técnico. Como medida punitiva, em caso de cobranças, a direcção da escola incumpridora será suspensa. Dois milhões e 73 alunos de diferentes níveis frequentam o presente ano lectivo, na província de Luanda.

ACIMA DE MIL

KILAMBA KIAXE CADASTRA ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

Mais de mil estabelecimentos comerciais de grande, média e pequena dimensão estão cadastrados, desde o primeiro semestre de 2017, no município do Kilamba Kiaxi.

De acordo com o director municipal do Comércio, Franklin Amorim, em declarações à Angop, os distritos do Golfe e Sapú registam a maior concentração de estabelecimentos de comércio precário. Já o Nova Vida tem, predominantemente, estabelecimentos de grande e média superfície.

O cadastramento já abrangeu grande parte dos distritos do Nova Vida, Golfe e Palanca. Agora, os técnicos trabalham na Sapú. A administração pretende saber quantos estabelecimentos de grande, media e pequena dimensão existem no município e como estão distribuídos a nível do território.

Por fim...

CRISTINA DA SILVA Directora Executiva



CRIANCAS NO CEMITÉRIO: NOVA TENDÊNCIA

De novo, tive a oportunidade fazer parte de uma equipa que fez a cobertura das actividades do Dia dos Finados, comemorado a 2 de Novembro. Desta vez pelo jornal Luanda, a ronda que efectuei, principalmente, nos cemitérios de maior referência, além do negócio das flores, nas principais ruas de acesso, a presença de crianças, nestes lugares santos, é uma das particularidades que notei.

Levar crianças ao cemitério, sem ter em conta que o gesto é positivo ou negativo, é pelo que, na verdade, muitos pais optaram, nesse dia. Assim, resolveram partilhar os sentimentos pelo finado com os seus filhos, que levaram flores e amor. Muitas destas crianças sequer chegaram a conhecer as pessoas cujas campas visitaram ou sobre as quais depositaram flores e amor. Ainda assim, a vontade de partilhar o Dia dos Finados com quem o conheceu era visível. A satisfação era enorme. É preciso reafirmar que o tempo muda! E mudou para estes meninos, que em momento algum mostraram pavor pelo espaço. Como dizem os mais sábios e foram, inclusive, citados por uma senhora, na reportagem -, "os mortos não fazem mal". É verdade! Muita gente acredita que as crianças devem aprender a lidar com a morte de uma forma mais natural. Elas têm de se acostumar à ideia e entender que a morte existe, embora, claro, não de forma traumática. Procurei, junto de uma psicóloga clínica, conhecer melhor está nova tendência, não muito comum entre nós, de se levar menores a visitar o cemitério.

A médica Laura Pinheiro disse ser importante que as famílias não forçem as crianças a frequentarem velórios ou cemitérios. Antes, é preciso saber se elas pretendem ir. Também é imperioso conversar com a menor sobre o que viu e ouviu. A doutora explicou que o ser humano tem uma memória afectiva. Diversas situações vividas em tenra idade estão armazenadas no inconsciente e podem, em muitas situações, ser accionadas em forma de tristeza, angustia, pânico, medo ou outras, na vida adulta. Por isso, segundo ela, no Dia dos Finados, é importante não obrigar a criança a ir ao cemitério, principalmente se ela começar a chorar. ou a ficar muito agitada.